UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS
RIO CLARO – SP

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO E TECNOLOGIAS

O JOVEM MIDIATIZADO E AS MARCAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE: o que restou na caixa de Pandora?

Arlete Guisso Scaramuzza Portilho Nicoletti

RIO CLARO
2015

Arlete Guisso Scaramuzza Portilho Nicoletti

O JOVEM MIDIATIZADO E AS MARCAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE: o que restou na caixa de Pandora?

Dissertação apresentada para o Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, área de concentração em Tecnologias nas Dinâmicas Corporais do Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista, UNESP - Campus de Rio Claro-SP, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Afonso Antonio Machado

RIO CLARO
2015

155.5 Nicoletti, Arlete Guisso Scaramuzza Portilho
N643j O jovem midiatizado e as marcas de gênero e sexualidade : o que restou na caixa de Pandora? / Arlete Guisso Scaramuzza Portilho Nicoletti. - Rio Claro, 2015
104 f. : il., figs., tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Afonso Antonio Machado

1. Adolescência. 2. Novas tecnologias. 3. Facebook. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

CAMPUS DE RIO CLARO
INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS DE RIO CLARO

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO: O JOVEM MIDIATIZADO E AS MARCAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE: o que restou na caixa de Pandora?

AUTORA: ARLETE GUISSO SCARAMUZZA PORTILHO NICOLETTI
ORIENTADOR: Prof. Dr. AFONSO ANTONIO MACHADO

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de MESTRE EM DESENVOLVIMENTO HUMANO E TECNOLOGIAS , Área: TECNOLOGIAS NAS DINÂMICAS CORPORAIS, pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. AFONSO ANTONIO MACHADO
Departamento de Educação Física / Instituto de Biociências de Rio Claro - SP

Prof. Dr. ALTAIR MOIOLI
Faculdade de Educação Física, Universidade Paulista (UNIP) - São Jose do Rio Preto / SP

Prof. Dr. MARCELO CALLEGARI ZANETTI
Faculdade de Educação Física, Universidade Paulista (UNIP) - São Jose do Rio Pardo / SP

Data da realização: 10 de setembro de 2015.

Dedicatória

Ao meu pai, Evaristo, na ausência de corpo, uma presença que se faz constante nas flores e no canto dos pássaros do meu jardim. Saudades!

Agradecimentos

Reconheço que devo imensamente essa conquista a muitas pessoas: algumas que um dia estiveram comigo e já se foram..., outras, mesmo que por pouco tempo, foram essenciais nos momentos de solidão e dúvidas e àquelas que continuam caminhando comigo no olhar, no pensamento, na companhia, na troca diária, na aprendizagem, na vida...

Aos meus eternos "meninos", Edgar, Eduardo e Artur, na leveza da alma, no sorriso, na compreensão da loucura, nas conversas, no choro, na fala e no silêncio, razões do meu viver e de minha busca constante em ser melhor.

À minha mãe; colo que acalenta, mão que acalma, força e luz nos momentos mais difíceis, não há palavras!

Às minhas doces e queridas irmãs: Célia, Alda, Aurea, com quem compartilho dores, lutas, alegrias, amores e que me deram tão lindos presentes: sobrinhos e sobrinhas queridos, e aos cunhados, sempre tão próximos e acolhedores, meu muito obrigada.

Ao meu filho-irmão, o "Zé" Evaristo que de tanto amor me dói a alma...

À minha irmã escolhida: Izilda, companheira de todas as horas, acesso irrestrito ao coração.

Ao amigo Altair Moioli, dono de uma generosidade sem medidas, por todos os momentos partilhados juntos, por todas as considerações e apontamentos e por sua presença em minha vida e na banca.

Ao Prof. Dr. Marcelo Callegari Zanetti, cuidadoso nas considerações, sábio nas palavras e paciente nas correções.

Ao Prof. Dr. Raul Aragão, da UNESP de São José do Rio Preto, primeiro a acreditar que "eu podia".

Ao Victor, que "milagrosamente" conseguiu me ensinar inglês... após tantos percalços, desilusões e incertezas.

Ao querido amigo Júlio, pela paciência, presença e organização na formatação deste trabalho.

À família LEPESPE/ UNESP- Rio Claro; amigos, hoje e sempre.

Ao Afonso: "tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas", meu orientador, professor admirável, amigo, amado e "louco", por confiar, abrir o caminho, acreditar e me carregar no colo, mesmo distante dos olhos.

Ao bailarino Frank Tavanti, que mesmo sem saber, me deu a cadência da dissertação.

Às "meninas," Thaís, Camila e Lola, pelo carinho e presença em minha vida e na vida de meus meninos.

À minha segunda e amada família que me adotou carinhosamente e me presenteou com um de seus maiores bens: **o Lucas**...

A você: amado; amigo; companheiro; confidente; amante; inabalável na crença de minha vitória; escolhido para ser pai dos meus- nossos meninos; luz, nos dias mais escuros, meu muito obrigada e meu amor eterno. TE AMO, SEMPRE!

A Deus, por me conceder cada dia, ver o sol e conviver com tanta diversidade de vida!

O que proponho nas páginas que se seguem é uma reconsideração da condição humana à luz de nossas mais novas experiências e nossos temores mais recentes. É óbvio que isto requer reflexão; e a irreflexão – a imprudência temerária ou a irremediável confusão ou a repetição complacente de “verdades” que se tornaram triviais – parece ser uma das principais características de nosso tempo. O que proponho, portanto, é muito simples: trata-se apenas de refletir sobre o que estamos fazendo. (Hannah Arendt; 1906-1975).

RESUMO

Neste estudo, abordamos a importância das comunidades da rede social virtual para atender parte das exigências do jovem midiatizado. Com o objetivo de contextualizar os *posts* em relação a gênero e sexualidade, buscamos elucidar na tessitura do texto a dois inquietantes questionamentos: Quais as percepções e marcas de gênero e sexualidade que o jovem midiatizado deixa para as gerações futuras? E qual a relação entre este jovem, e o mito de Pandora? Para tanto, esta pesquisa, de abordagem qualitativa, enfatiza as informações geradas a partir da coleta de dados através das comunidades da rede social *Facebook*®. Os procedimentos adotados para análise e codificação dos dados tiveram como base a tríade: Análise Documental; Análise do Discurso e Observação. A volatilidade das redes sociais não preserva efetivamente as informações disponibilizadas, assim como o mito de Pandora que não preserva no vaso os males da humanidade, tornando visível tudo àquilo que não queria ser visto; ouvido, tudo o que era inaudível. Levantar questões referentes ao determinismo biológico, que durante séculos estiveram vendadas nem sempre é uma tarefa fácil. Assim, o que pretendemos no final deste trabalho é lançar luzes para o tema discutido. O que prevalece no momento são as marcas que os jovens que transitam nas comunidades acessadas deixam, a expectativa do que virá, a esperança; o que restou na caixa de Pandora; talvez, efêmera, mas que constitui a síntese das percepções dos jovens a respeito de gênero e sexualidade: a criação de um único gênero, o humano.

ABSTRACT

This study focuses the importance of the virtual communities in social networking in order to fulfill part of the demands from the youth involved in the media. In order to set the context for the posts regarding gender and sexuality, we proposed two questions: What understanding and impression does a youth inserted in the media leave to the future generations? And what is the relationship between the youth and Pandora myth? This qualitative research thus emphasizes the information from data gathered through social networking communities from *Facebook*®. For analysis and data encoding, procedure was based on the triad: Documentary analysis, Discourse analysis, and Observation. Because of social networking"s volatility, it does not preserve available information effectively, similarly to Pandora myth, where the evil of mankind cannot be held in the jar, turning all unwanted things visible and audible. Raising issues regarding the biological determinism, which for centuries have been blindfold, is not a simple task. The aim of this study is therefore to shed light upon the debated issue. For now, we highlight the impressions left by the youth inserted in social networking, the expectations of what will happen, the hope that was left in Pandora"s jar. Perhaps it is ephemeral, but it surely constitutes the synthesis of how the youth understand gender and sexuality: The creation of an only gender, human.

Keywords: New technologies, Youth, Gender, Sexuality, *Facebook*®.

Lista de Figuras

FIGURA 1 - O GRITO. 12
FIGURA 2 - CRIACIONISMO. 19
FIGURA 3 - A HISTÓRIA DA EVOLUÇÃO HUMANA. 26
FIGURA 4 - STELARC. 32
FIGURA 5 - AURORA BOREAL. 44
FIGURA 6 - A ALEGORIA DA CALÚNIA. 53
FIGURA 7 - ORGANOGRAMA DA METODOLOGIA. 59
FIGURA 8 - GERNIKA. 60
FIGURA 9 - NÓS SOMOS TODAS PERFEITAS! 62
FIGURA 10 - CAMARADAGEM! 64
FIGURA 11 - RESPEITO AO ESPAÇO E AO CORPO ALHEIO. 67
FIGURA 12 - CHE BRAZUCA. 70
FIGURA 13 - NÃO ME KAHLO. 73
FIGURA 14 - O HOMEM IDEAL. 76
FIGURA 15 - ESSA PÁGINA ARRASA DEMAIS. 79
FIGURA 16 - ESTE É UM MACHISTA 01. 81
FIGURA 17 - ESTE É UM MACHISTA 02. 84
FIGURA 18 - ESTE É UM MACHISTA 03. 87
FIGURA 19 - CAIXA DE PANDORA. 90
FIGURA 20 - OPERÁRIOS. 95

Lista de Tabelas

TABELA 1 - NÓS SOMOS TODAS PERFEITAS! 62
TABELA 2 - CAMARADAGEM! 64
TABELA 3 - RESPEITO AO ESPAÇO E AO CORPO ALHEIO. 68
TABELA 4 - CHE BRAZUCA. 71
TABELA 5 - NÃO ME KAHLO. 74
TABELA 6 - O HOMEM IDEAL. 77
TABELA 7 - ESSA PÁGINA ARRASA DEMAIS. 80
TABELA 8 - ESTE É UM MACHISTA 1. 82
TABELA 9 - ESTE É UM MACHISTA 02. 85
TABELA 10 - ESTE É UM MACHISTA 03. 88

Sumário

1. Introdução 12
1.1. Sonho que se faz realidade 13
1.2. Justificativa 14
1.3. Objetivos 18
1.3.1. Objetivo Geral 18
1.3.2. Objetivos Específicos 18
2. Revisão de Literatura. 19
2.1. A Origem. 20
2.2. O Mito 22
2.3. Prometeu e Pandora 23
3. A Evolução - o mundo dos humanos 26
3.1. Um espaço a ser conquistado: o movimento feminista. 27
3.2. Corpo. 29
3.3. Gênero 33
3.4. Sexualidade 36
3.5. Homossexualidade 41
4. O Continuum - aurora boreal 44
4.1. Geração nativa digital 45
4.2. Instituição: escola. 48
5. Metodologia. 53
5.1. Método. 54
5.2. Amostra. 56
5.3. Instrumentos de coleta de dados. 56
5.4. Instrumento de análise. 57
5.5. Procedimentos. 57
6. Resultados e Discussão 60
6.1. Vozes e Imagens. 61
7. Considerações finais. 90
7.1. A caixa se abre. 91
8. Referências Bibliográficas 95

1. Introdução

Acessado em 21/07/2015:
https://www.google.com.br/search?q=guernica&biw=1440&bih=805&source=lnms&tbm=isch&sa=X&sqi=2&ved=0CAYQ_AUoAWoVChMI67K7-JztxgIVBtX2Ch2IOAUJ#tbm=isch&q=o+grito&imgrc=eD9HUgyHakRYrM%3A

Figura 1 - O Grito.

1.1. Sonho que se faz realidade

Enquanto gênese constitutiva fui forjada na família de origem, na fé, no magistério e na maternidade. Nesta essência, o princípio de uma curiosidade, uma paixão arraigada pela educação e pela tentativa de compreender o jovem contemporâneo me persegue durante anos.

Nasceu então, o sonho de estabelecer uma conexão entre esses eixos norteadores de minha vida e fazer disso, algo além de minha apropriação afetiva e imaginária: um estudo; que pudesse me trazer motivação para a pesquisa científica, e quiçá, auxiliar outros curiosos ou pesquisadores, nesta árdua tarefa de entender o que neste momento, me parece incompreensível: o jovem midiatizado e suas marcas em relação a gênero e sexualidade.

As fronteiras hoje delimitadas entre a minha geração e as gerações que ora convivo, possuem marcas visíveis e invisíveis, algumas demarcadas pelo próprio tempo: idade, pele, rugas, olheiras, vigor, beleza e outras por aquilo que permiti, mesmo que inconsciente que o sistema fizesse comigo: a fugacidade do sono; a inquietude dos dias, o trabalho exagerado, a refeição *fast food* e convivências não desejadas; essas, talvez invisíveis, mas notoriamente diferenciais nas relações com os mais jovens.

As palavras soltas, o discurso proferido, as relações sociais, a relação com o corpo e com as tecnologias de comunicação e informação são formas de ser e estar no mundo. Nesta conjuntura, na minha vida, a presença do virtual é real, e interfaces de todo modo ampliam sua sensorialidade e se alimentam das tecnologias configurando novos espaços de conhecimento para todas as gerações.

Essa instigante realidade me coloca em estado de alerta e em busca de possíveis respostas. É deste ponto, que inicio esta pesquisa.

1.2. Justificativa

Vive- se hoje, em uma cultura midiatizada onde é fácil observar como os corpos são produzidos como produtos altamente vendáveis. As constantes mudanças dos padrões de beleza e à valorização da eterna juventude parecem normais

Segundo Figueira (2002) o momento é de culto ao corpo, durante toda a história da humanidade o corpo tem sido desvelado, ora de forma silenciosa, ora mais revelada; mas o que vivemos agora é um "desnudar", transformado em objeto de investigação das mais diferentes áreas, "ou seja, sobre ele se criam imagens, discursos, formas de admirá-lo de negá-lo, de representá-lo. O corpo não é só o corpo. É também o que dele se diz" (p. 9).

O jovem ao mesmo tempo em que cultua a beleza, faz movimentos de ruptura das tradicionais fronteiras do que é socialmente aceito como belo, saudável ou normal.

De acordo com Almeida e Eugenio (2006) o jovem midiatizado denominado por especialistas como a geração em mudança, chama a atenção pela aptidão em fazer uso concomitante de dispositivos eletrônicos enquanto realiza tarefas que necessitam de concentração e atenção do pensamento conseguindo realiza-las, independente de serem ou não lineares.

A presença das tecnologias de informação e comunicação na vida dos jovens da sociedade atual faz surgir cotidianamente novos desafios e novas formas de se organizar coletivamente.

As comunidades das redes sociais do *Facebook*® integram jovens do mundo todo que não se limitam a espaços físicos, e tampouco ao tempo. "O ciberespaço se amplia e se torna cada vez mais "universal", e menos o mundo informacional se torna totalizável" (LÉVY, 2010, p. 113).

O jovem midiatizado desliza pelas redes sociais dialogando com dezenas de interlocutores ao mesmo tempo, deixam suas percepções através de comentários curtos, curtidas ou compartilhamentos, falam do que antes era velado e se organizam. Ao se organizarem deixam marcas. Que marcas são essas? Quais são as suas percepções em relação a gênero e sexualidade? O que ele posta? O que ele curte?

Segundo Goellner (2012, p.32) é fundamental que se possa "entender o corpo contemporâneo porque é aqui que se criaram e consolidaram algumas representações que ainda hoje marcam nossos corpos, com maior ou menor intensidade" e eles carregam marcas profundas de uma história culturalmente construída.

Neste cenário globalizado, em uma sociedade, onde os conflitos e as tecnologias ligadas ao ciberespaço estão cada vez mais evidentes, este jovem, marcado nas comunidades observadas das redes sociais, parece ser capaz de construir diferentes saberes e reforçar a possibilidade de construção de novos valores pautados nos direitos fundamentais do ser humano, menos preconceituoso e mais igualitário; é nesta ideia que se pauta esta pesquisa.

As mídias ocuparam um espaço geográfico sem limites e funcionam como interfaces entre as múltiplas linguagens existentes na sociedade contemporânea.

Dentro deste contexto diferenciado de configuração da sociedade, Castells (2007) analisa a utilização da internet e salienta sua influência enquanto tecnologia e prática social. Essas tecnologias concorrem para identificar os indivíduos que estão ou não predispostos a essa interação com o mundo, no qual todos mantêm contato, mesmo que nunca tenham se visto. São interações sem fronteiras, que possibilitam uma abertura para o novo, para o desconhecido. De acordo com Garcia (2014, p. 35).

> [...] todas essas importantes descobertas de que era possível transpor muros que impossibilitavam comunicações mais efetivas com o outro provocou uma crescente instantaneidade na veiculação dos acontecimentos mundiais. Nunca demos e recebemos tantas informações em tão pouco tempo, por meio de aparatos cada vez mais sofisticados.

A velocidade imposta pelas novas tecnologias traz uma nova forma de pensar. Forma que não permite linearidade, caminha-se no sentido do instantâneo, do simultâneo, provocando uma desorganização dos hábitos mentais. Uma comunidade global com possibilidades de um diálogo permanente através das redes sociais de comunicação.

Lemos (2012, p. 114), salienta que as

> [...] interações homem-tecnologia tem evoluído a cada ano no sentido de uma relação mais ágil e confortável. Vivemos hoje a época da comunicação planetária fortemente marcada por uma interação com as informações, cujo ápice é a realidade virtual. A interatividade digital caminha para a superação das barreiras físicas entre os agentes (homens e máquinas) e para uma interação cada vez maior do usuário com as informações, e não com objetos.

As mídias mantêm relações com as várias linguagens, em especial com a mente das pessoas e com o mundo externo, essa íntima relação acaba determinando como se utiliza o tempo e o espaço vivido.

Fundamentada de maneira interdisciplinar utilizando as novas tecnologias de informação e comunicação- TICs associada ao desenvolvimento humano, esta análise será pautada pela *cibercultura*- relação entre as tecnologias de comunicação, informação e cultura emergentes a partir da convergência informatização/ telecomunicação na década de 1970. Trata-se de uma nova relação entre tecnologias e a sociabilidade, configurando a cultura contemporânea (LEMOS, 2012).

O corpo, a interatividade nas mídias, o gênero, a sexualidade e a educação, são temas investigados por muitos autores no mundo (Foucault, 1988; Adorno, 1995; Freud, 2002; Bourdieu, 1999...) e no Brasil um crescente número de pesquisadores (Goellner, 2012; Louro, 2000; Machado, 2013; Moioli, 2013; Nunes, 2005;...) de diferentes campos teóricos têm demonstrado grande interesse nos temas.

Diante da amplitude do tema, da diversidade de autores e das inúmeras possibilidades de abordagens e problemas investigativos, a escolha se dá naqueles autores e autoras que mais se aproximam das reflexões da pesquisadora, do momento vivido e das próprias experiências e questionamentos; lugar para onde o olhar se dirige e encontra mais significados.

Um olhar interativo, olhar, que essas mídias proporcionam e que estabelece uma conexão num contexto de comunicação diferenciado, onde máquina e usuário se transformam em agentes da mesma ação (DOMINGUES, 2003).

A era midiática transforma o corpo físico em um corpo que se anula diante de um cérebro veloz. Deleuze e Gattari (2002) chamam de corpo sem

órgãos e, portanto heterogêneo, múltiplo com significados que ultrapassam o conceito de masculino e feminino (apud MOIOLI, 2013).

Machado (2012) corrobora com a ideia que o corpo contemporâneo marca a sexualidade e o erotismo como ausentes nas novas relações face- a face. Uma sexualidade virtualizada das roupas de dados, dos sensores táteis que estimulam as zonas erógenas, do sexo virtual, *chats pornográficos*, canais de *strip-tease,* da possibilidade de experimentação de papéis sexuais diferentes através dos chats, *MUDs, newsgroups*, de uma geração de um novo século no qual o corpo se funde de maneira gradual às novas tecnologias.

Um corpo, que pode ser revelado a vivenciar experiências "vigiadas por um olhar onipresente e virtual de toda a humanidade" (LEMOS, 2012, p. 163). Corpo este, que apesar de sua herança cultural, das definições de gênero que foram incorporadas historicamente, das convenções sociais ao longo dos séculos, da imediatez da era tecnológica e do paradigma das novas formas de comunicação e informação, se faz capaz de criar suas próprias marcas.

Fundamentada de maneira interdisciplinar utilizando as novas tecnologias de informação e comunicação- TICs associada ao desenvolvimento humano, esta análise será pautada pela *cibercultura*- relação entre as tecnologias de comunicação, informação e cultura emergentes a partir da convergência informatização/ telecomunicação na década de 1970. Trata-se de uma nova relação entre tecnologias e a sociabilidade, configurando a cultura contemporânea (LEMOS, 2012).

Essa instigante realidade me coloca em estado de alerta e em busca de possíveis respostas. É deste ponto, que inicio esta pesquisa.

1.3. Objetivos

1.3.1. Objetivo Geral

O estudo tem como escopo principal desenvolver uma análise crítica sabre as percepções e marcas em relação a gênero e sexualidade do jovem da geração Y, dos *posts* das redes sociais do *Facebook®.*

1.3.2. Objetivos Específicos

- Identificar comunidades de *Facebook®* cujas imagens e/ou conteúdo se referem às questões de gênero e sexualidade com mais de 100.000 curtidas criadas após o ano de 2010.
- Categorizar os *posts* em relação às percepções e marcas sobre gênero e sexualidade.
- Pensar o corpo através dessa nova roupagem que o jovem lhe atribui.

O próximo capítulo trará uma revisão de literatura que servirá de base para a compreensão da análise e discussão dos resultados.

2. Revisão de Literatura.

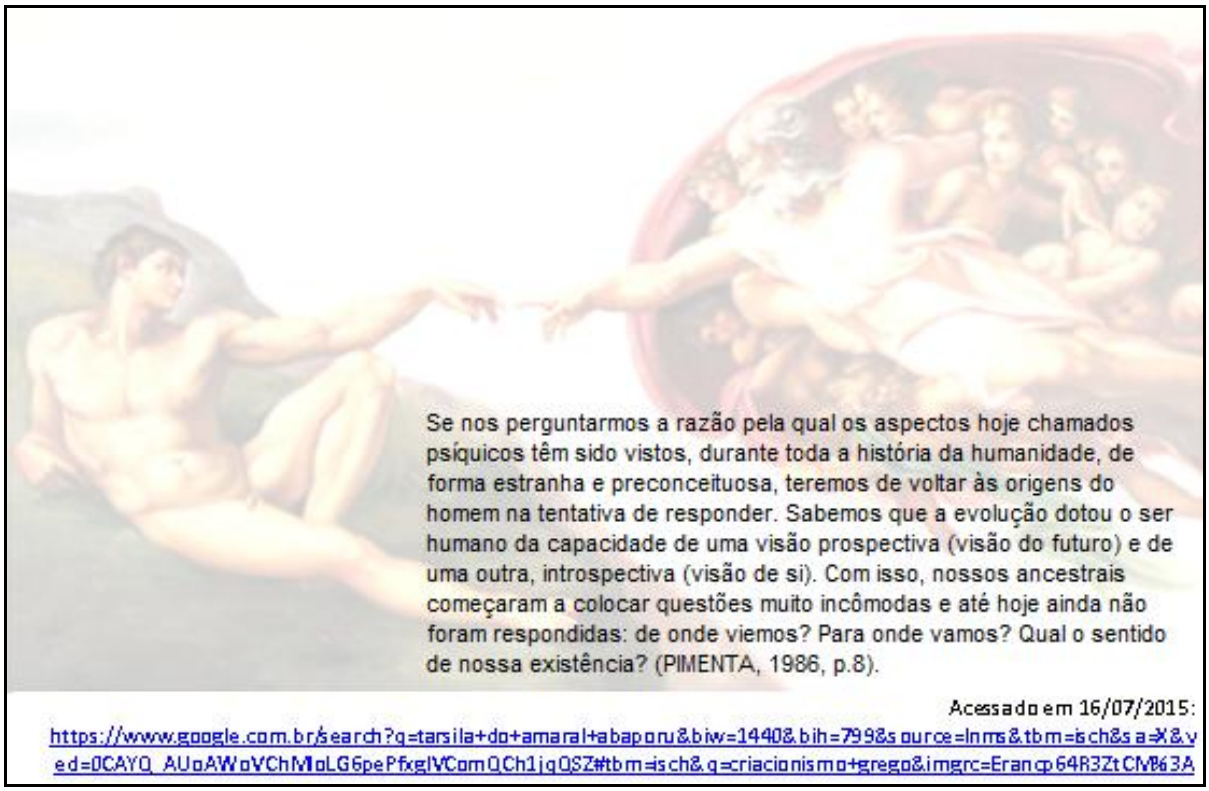


Figura 2 - Criacionismo.

2.1. A Origem.

A questão sobre as possíveis origens do homem requer uma delimitação dentre as teorias existentes: evolucionismo ou /e criacionismo e envolve um debate entre filosofia, ciência, e religião. Sua história evolutiva complexa e o desenvolvimento mental alcançado pela espécie possibilitou o povoamento de todos os continentes, partindo da África, em torno de 200 mil anos atrás (CORDEIRO, 2008).

As referências mitológicas da criação, em especial, da mitologia grega ganharam destaque em relação a outros povos por sua imensa influência especialmente sobre o Ocidente. Mesmo após o fim do Império Romano do Ocidente, a cultura Greco -romana retoma no final da Idade Média e também no século XVIII com o movimento cultural chamado de Neoclassicismo (VERNANT, 2000).

Desde os primórdios das manifestações mítico-religiosas, há uma busca de respostas que pautam diversas pesquisas científicas sobre o assunto. De acordo com Cordeiro (2008), a transformação humana foi muito lenta, assim como de seus utensílios e seu processo de humanização.

Desta relação, entre desenvolvimento e humanização; homem, natureza e sociedade, acontece uma mudança na qual “o homem cria novas necessidades que passam a ser tão fundamentais para ele quanto as chamadas necessidades básicas à sua sobrevivência” (ANDERY et al, 2012, p. 12).

Dentre essas necessidades, algumas de ordem biológica, como comer, dormir e reproduzir-se, existe também aquelas que foram criadas ao longo da história na medida em que o homem acaba dominando a satisfação de suas atividades imediatas.

Segundo Moretti et al (2011) o homem, ao agir intencionalmente sobre a natureza visando sua transformação para obter sua satisfação, deixa sobre ela (natureza), marcas de sua atividade, modificando-a e também se modificando, se fazendo humano.

Advindo da teoria Marxista, a teoria histórico-cultural, tem como pressuposto fundamental o trabalho, atividade humana por excelência e que

humaniza, possibilitando o desenvolvimento da cultura, e constitui o homem como um ser ético, criador de seus princípios e preceitos e que guiam suas ações (MORETTI et al, 2011).

Derrida (2007) traz o conceito de um homem com possibilidades de reorganizar sua história através de si mesmo e do momento vivido, uma realidade mutável, em constante transformação.

Dentro do desenvolvimento da cultura do homem, há a constituição das diferenças sociais entre os sexos masculino, feminino (Nunes, 2005) e suas variantes: gênero e sexualidade.

Conceitos que serão trabalhados nesta pesquisa, interligadas no estudo do homem e da sociedade através dos tempos, enquanto necessidade de se tomar consciência de uma gama de significados do mundo no qual vivemos, “da importância desses significados como fundamento das práticas sociais, institucionais e pessoais e a possibilidade de promover as mudanças desses significados e dessas práticas” (FÁVERO, 2010, p. 19).

Estudar o corpo enquanto lugar de prazer, contradições, vida, fecundidade, dor e preconceito em uma sociedade em que parte da crise estabelecida demonstra muitas vezes o desejo de ser aquilo que não se é (THEODORO, s. d. p.).

A pesquisa percorrerá este caminho, no sentido de tentar entender parte da realidade histórica que se apresenta em relação ao homem hoje, especificamente o jovem midiatizado, que transita espaços e estabelece marcas, na geração futura, mesmo que inconscientes. Para ele, nenhuma distância é grande demais, o tempo não é mais obstáculo como foi para nossos ancestrais e o real pode ser o virtual, o transformado em um lugar identitário.

Aborda ainda uma análise crítica sobre a influência do mito na atualidade, nas transformações ocorridas neste jovem contemporâneo na medida em que a cultura se apropria “fortemente de elementos mitológicos na tentativa de trazer para si a força simbólica que eles representam" (LIMA, 2011).

A compreensão desses mitos estava subjugada à matriz positivista antes do marxismo. Eles eram considerados pelos ocidentais como irracionalidades, o marxismo permitiu outra concepção: uma nova racionalidade. Houve uma inversão epistemológica a partir de então, onde a consciência do homem é

definida por suas condições materiais e sua própria consciência (HIGHWATER, 1992).

2.2. O Mito

É sabido que a mitologia Greco-Romana mostra-nos como a humanidade pensava e agia em épocas em que a ciência ainda não existia e era necessário organizar e explicar fatos e acontecimentos que não encontravam razões plausíveis para os homens.

Na definição de mitologia, além das histórias contadas sobre a criação do mundo, há também, segundo Highwater (1992, p. 22).

> [...] uma capacidade metafórica do mito para moldar as formas intelectuais e sociais de pensamento e de comportamento, transcender as sagradas cosmogonias religiosas e adquirir formas seculares, as quais emprestam valor a tudo, que realizamos em termos de arte, ciência, comunicações e todas as demais experiências da vida. Utilizo a palavra mitologia, portanto, quase como os filósofos do nosso século usam o vocábulo paradigma.

A mitologia representa além da visão de mundo de uma sociedade, sua religiosidade, um repertório de conceitos de socialização e, assim como no passado, os mitos se transformam na base dos valores sexuais e ficam muitas vezes ocultos pela linguagem e pelas imagens metafóricas que estão no âmago da mitologia.

O que caracteriza o mito na cultura Ocidental é seu pensamento em relação à sexualidade “em termos de opostos binários: homem e mulher, heterossexual e homossexual, sexo marital e sexo pré–marital ou extraconjugal” (HIGHWATWER, op. cit: 24).

Na mitologia grega, por exemplo, o mito de Pandora, surge como instrumento de vingança de Zeus, enquanto portadora da caixa de males que assolam a humanidade, ela é considerada aquela que trouxe a desgraça para o mundo e consequentemente para a própria mulher Essas e tantas outras identificações negativas às mulheres foram muito além dos mitos da criação, perpetuando até os dias de hoje a mulher como ser inferior e submissa. (THEODORO, s. d. p.).

O que caracteriza o mito na cultura Ocidental é seu pensamento em relação à sexualidade “em termos de opostos binários: homem e mulher, heterossexual e homossexual, sexo marital e sexo pré-marital ou extraconjugal” (HIGHWATWER, op. cit: 24).

A concepção de que há um fio condutor estabelecendo as relações de luta, que marcam o território possível do coletivo, da igualdade de gênero, ao viés mitológico grego de Prometeu e Pandora, é a justificativa para a história a ser contada a seguir, na medida em que o homem contemporâneo passa por um processo de mutação e de aceitação da criação de um novo ser, mais igualitário e livre de preconceito de gênero e sexualidade.

2.3. Prometeu e Pandora

Para Prometeu e Epimeteu, é delegada por Zeus, a difícil tarefa de criar o homem. Epimeteu, como fazia as coisas sem pensar com antecedência, já havia dado aos animais os melhores dons e não sabia como criar a nova criatura a pedido de Zeus. Então Epimeteu pede a Prometeu que realize essa tarefa (VERNANT, 2000).

Ainda segundo o autor, coube então a ele, Prometeu a criação. Deu ao homem uma forma física, conferindo-lhe a mesma posição ereta dos deuses, pensando em sua proteção e na superioridade que deveria possuir em relação às demais criaturas existentes, e foi ao Sol e trouxe à Terra uma tocha acesa, o fogo, que roubou do poder de Zeus, com o qual o homem se tornou superior a todas às demais criaturas e viveu feliz até ser criada a mulher.

O próprio Zeus a criou para se vingar de Prometeu que havia dado forma e vida ao homem com tanto cuidado e para quem havia ousado roubar o fogo do firmamento para lhe proporcionar algo que as outras espécies criadas não possuíam (HIGHWATER, 1992).

A humanidade passa ser dupla após a criação da mulher. Compõe-se assim o gênero masculino e feminino, ambos necessários à descendência humana. Desde então o homem nasce da mulher e os Homens passam a se acasalar para se reproduzir.

...

Zeus criou então Pandora, uma jovem de inigualável beleza, leveza, encanto e dotada de uma curiosidade irresistível. Enviou-a como presente a Epimeteu. Ele possuía em sua morada, vasos repletos de artigos diversos que usava em suas criações. Advertiu à Pandora que não abrisse apenas um deles, mas ela curiosa, abre o vaso assim que o marido se ausenta.

Imediatamente do vaso saem e se espalham por toda a humanidade os males mais diversos: doença, ira, inveja, dor, vingança que irão acompanhar a humanidade pelo resto de seus dias (BULFINCH, 2001).

Aterrorizada, Pandora fecha o vaso, mas o mal já estava feito, dentre todos os males existentes no vaso, havia apenas uma coisa boa, a esperança, que permaneceu guardada.

Pandora é considerada um fogo que queima o marido, “[...] é Zeus que introduziu nas casas e que queima os homens sem que seja preciso acender qualquer chama. Fogo que corresponde ao fogo roubado” (VERNANT, 2000, p. 73).

...

Zeus convoca então seus criados, Força e Violência, para que possam pegar Prometeu com o propósito de acorrentá-lo no Cáucaso, uma rocha gigante e assim permanecer preso para o resto de sua eternidade (VERNANT, 2000).

Para aumentar seu sofrimento, Zeus começou a enviar diariamente um abutre que comia seu fígado pedaço a pedaço durante todo o dia; à noite seu fígado se regenerava, para no dia seguinte, o suplício recomeçar.

Enquanto metade deus e metade homem Prometeu tem sido um dos assuntos preferidos dos poetas gregos. Representa o amigo da humanidade, que se colocou em sua defesa ["...]" (BULFINCH, 2001, p. 25). Tornou-se símbolo abnegado de sofrimento, virilidade, força de vontade de resistir à opressão e inflexibilidade diante da injustiça. Pandora, a mulher- identidade negativa, aquela que precisa ser castigada, um gênero a parte (THEODORO, s. d. p.).

Dar visibilidade aquela que fora velada o direito de voz e vez desde os primeiros tempos e revelar a segregação social e política que as mulheres foram historicamente arrastadas aponta a necessidade de conduzir estudos e

ações que possam denunciar a ausência feminina na construção de espaços na sociedade (LOURO, 1977).

3. A Evolução - o mundo dos humanos

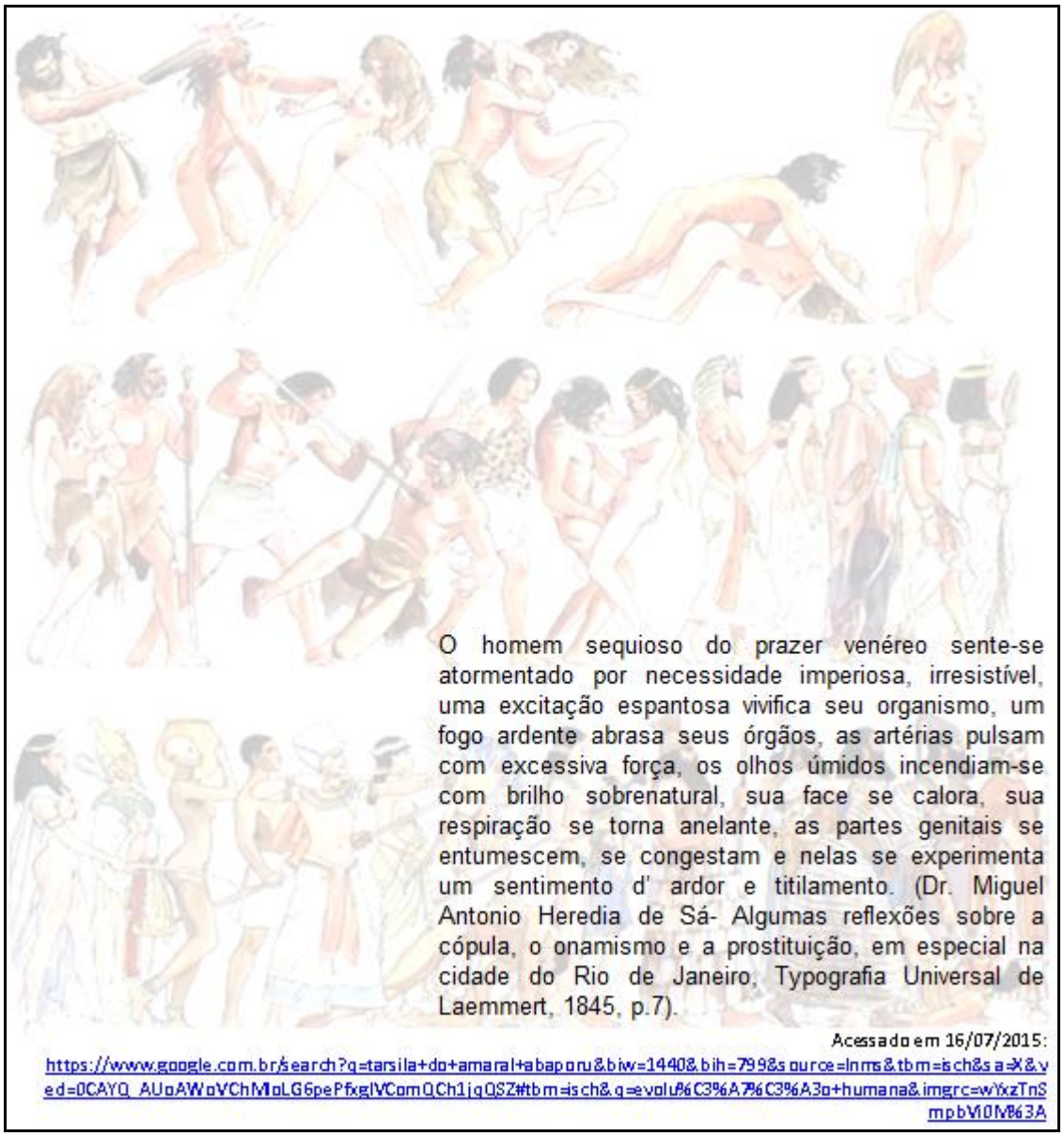


Figura 3 - A História da Evolução Humana.

3.1. Um espaço a ser conquistado: o movimento feminista.

Segundo Laqueur (2001) até as últimas décadas do século XVIII não havia a ideia de sexos diferentes entre homens e mulheres, o que se tinha conhecimento era um modelo único de sexo e a diferença entre masculino e feminino era de grau e não de natureza.

Já no final do século, esse modelo cede espaço ao dimorfismo sexual, no qual homens e mulheres passam a ser vistos como opostos, a enigmática hierarquia da mulher em relação ao homem é substituída por uma análise de uma fisiologia da incomensurabilidade. A partir deste ponto a vida política, econômica e cultural, passa a se apoiar no conceito de dois sexos opostos (LAQUEUR, 2001).

As definições do corpo feminino, enquanto ciência, e do papel social da mulher, foram estabelecidas por uma comunidade científica na qual as mulheres não faziam parte, o que corroborou para sua maior exclusão (SCHIEBINGER, 2001).

Simone de Beauvoir (1967) questiona o momento dessa exclusão e propõe uma investigação para compreender como a hierarquia de sexos foi estabelecida, analisando que a noção de parir e amamentar são colocados dentro de uma visão patriarcal como "destino biológico" da mulher, condição natural da maternidade na qual ela não tem o direito a escolhas ou mudanças. Há segundo a autora, a ideia de submissão passional desta mulher que se "compraz" do cuidar da casa, dos filhos e do homem provedor. À fêmea dotada de um aparelho reprodutor próprio para gerar uma nova vida não é permitido escolhas, cabe a ela parir em quaisquer circunstâncias. Essa visão da mulher vai passando de século a século sem nada de novo.

Diferentemente, o homem projeta caminhos e os meios para alcançar suas metas, se realiza como ser que existe, tudo pode, é um inventor.

> Este orgulho ele manifesta ainda hoje quando ele constrói uma barragem, um grande prédio, uma bomba atômica. Ele não apenas trabalhou para conservar o mundo dado, ele fez as fronteiras se alargarem; ele fundou as bases do futuro (BEAUVOIR, 1967, p. 113).

É só a partir do século XIX que as mulheres passam a mudar sua trajetória de segregação através do movimento feminista ou feminismo como ideologia política. Mas é somente no século XX e no final de suas décadas "que o pensamento feminista surge no campo acadêmico e se estabelece um interesse crescente em relação às teorias feministas" (FÁVERO, 2010, p. 90).

Segundo Sarti (2004) a voz e a presença feminina passam a serem marcas das mais presentes na cultura pós- moderna e a partir da década de 1970, também no Brasil, como movimento contra a ditadura militar.

Há uma preocupação com a produção literária em relação às representações femininas no que diz respeito a aspectos arbitrários e manipuladores e a denuncia da ideologia patriarcal.

Na análise de Fávero (2010) o movimento pelo sufrágio feminino[1] teve no Brasil como destaque Jesefina Alves, encenando uma peça teatral com o nome de "O voto feminino" que posteriormente, se transformou em livro. O objetivo era fazer uma crítica dos anos de 1960 e 1970 sobre o conceito de gênero como diferença social. A novidade era a rejeição da linha dimensional bipolar masculinidade/feminilidade que as psicólogas feministas argumentavam que essas críticas inferiorizavam a mulher em relação ao homem.

As militantes do movimento feminista no Brasil, além da participação na luta armada, transgrediam o lugar que tradicionalmente era atribuído à mulher assumindo a contrariedade às questões da virgindade e da instituição do casamento.

Sarti (2004) salienta que os movimentos urbanos se organizavam em bases locais e tinham um olhar específico para os problemas enfrentados nas periferias pobres direcionando essas demandas para o Estado e aponta nas publicações sobre o feminismo no Brasil, a existência de duas tendências: uma direcionada para a atuação pública das mulheres que posteriormente, tentou influenciar as políticas públicas no período da redemocratização nos anos de 1980, e outra que privilegiava o mundo privado com uma preocupação com a subjetividade e as relações interpessoais.

Nos anos 90, conforme Sarti (2004) aumenta a participação do movimento em estâncias mais especializadas como sindicatos, partidos

[1] Movimento social, político e econômico (1789 – 1945) com o objetivo de estender o direito de voto às mulheres.

políticos e associações profissionais, a entrada dos estudos de gênero no meio acadêmico, à criação dos Conselhos da Condição Feminina no plano governamental e o tratamento diferenciado sobre os atos de violência contra a mulher ganham destaque.

Louro (1997) salienta em seus estudos, "que para que se constitua gênero como conceito fundamental, é necessário que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade" (p. 21) e o importante é observar tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. Não há a intenção de negar que gênero se constitui "com ou sobre corpos sexuados, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica sobre as características biológicas" (LOURO, 1977, p. 22).

Nesta concepção, o gênero refere-se a qualquer construção social que envolva a diferença entre corpo masculino e feminino, compreendendo que a sociedade não forma somente personalidade e comportamento, mas também a forma como o corpo aparece nela (MATOS e LOPES, 2008).

Pensar o corpo como algo construído culturalmente é um desafio e também uma necessidade na medida em que "o corpo se opera, simultaneamente, no coletivo e no individual" (GOELLNER, p. 39).

3.2. Corpo.

As descobertas do corpo vêm de longa caminhada de diferentes áreas do conhecimento, percorrendo histórias, procurando mediações entre tempos e espaços distintos. Um corpo que vai sendo redescoberto e transformado a cada dia, de naturalista para o corpo tecnológico, *cibernético.*

Porém ao desnaturalizá- lo rompe com tudo o que havia de verdade, revela-o,

> O corpo é histórico. Isto é, mais do que um dado natural cuja materialidade nos presentifica no mundo, o corpo é uma construção sobre o qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, etc. Não é portanto algo dado a priori nem mesmo é universal: o corpo é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura bem como suas leis, seus códigos morais, as representações que

> cria sobre os corpos, os discursos que sobre ele produz e reproduz (GOELLNER, 2012, p. 28).

Ao considerá-lo histórico, faz parte de todas as ciências e artes, de tal modo que a ideia neste momento não é fazer uma retrospectiva de todo o processo, pois isso seria deveras audacioso, mas apresentar as descobertas do corpo emergente partindo das últimas décadas do século XX com autores como Le Bretton (2011); Goellner (2012); Couto (2012); Sant' Anna (2000) e Santaella (2003) e o artista australiano performático *Sterlac,* na tentativa de entender o corpo na atualidade.

Após os movimentos políticos- sociais dos anos 60 e com a reivindicação dos jovens em derrubar tabus relacionados ao corpo e ao sexo, muito da atenção das produções daquele período se voltam para a sexualidade, dentre elas a *História da Sexualidade* de Michel Foucault, bem como revistas (*arTitudes*, 1971); filmes (*LA Dolce Vita*- Fellini - 1960); músicas e festivais (*Hair*- 1967; Festivais da Música Popular Brasileira- 1960; o *Vira*- 1972- interpretado por Ney Matogrosso) que clamavam por liberdade (SANT'ANNA, 2000).

A transgressão das fronteiras do que antes era impossível se torna mais evidente também nas diversas formas de artes. Corpos híbridos, corpos monstruosos, em pedaços, com estereotipias, despudorados mostrando a homossexualidade e a velhice. Em oposição a este movimento, "uma história do corpo medicalizado, da saúde, da higiene e do conforto ganhará importância crescente em outros domínios além daquele da história das ideias" (SANT'ANNA, 2000).

Esta paradigmática perspectiva de um novo corpo em um novo homem dá a impressão que as coisas da alma e do inconsciente ficam aquém. Entretanto, crescem também os trabalhos com grupos terapêuticos e terapias alternativas que buscam maior liberdade para o corpo e para a alma.

Já nos anos 80, uma importância exacerbada com o físico perfeito, o estímulo excessivo aos esportes coloca em questionamento o culto à *performance* física Segundo Sant'Anna (2000) há uma massificação no aumento de números de academias e de profissionais liberais trabalhando com o corpo. Doravante, novas preocupações com esta redescoberta do corpo

relacionada à corrida para uma vida mais saudável. Jovens foram acusados de alienação ao corpo escultural.

Anos 90 e as descobertas continuam corpo remodelado, corpo manipulado e reconstruídos "através de técnicas que visam ao seu aprimoramento físico e estético" (SANTAELLA, 2003).

Concomitante a esta trajetória, um movimento para garantir a qualidade de vida andava a passos largos: incentivo à caminhada, andar de bicicleta, passeios ao ar livre, procura de parques, convívio em grupo e tentativa de possibilitar saída dos grandes centros urbanos.

Segundo Couto (2012) proliferam também discursos sobre os avanços tecnológicos a favor da manutenção da beleza, da juventude e da aparência de um corpo saudável tornando-o um lugar de primazia de tecnologias como as próteses, os anabolizantes, os implantes e transplantes, mapeamento genético e modelo *ciborgue* como modelo das novas configurações.

Uma vez mais acompanhado por máquinas, colonizado nanologicamente, tornando concepção de um corpo obsoleto, amplamente divulgado, muda também a concepção do que é o homem, colocando em evidência, a construção de outro modelo criado a partir das novas tecnologias pós-industriais o mecanismo de uma construção realizada em diversas etapas e diferentes graus de complexidade que denota para a criação de um corpo tecnologicamente perfeito (COUTO*,* 2012).

Machado, Zanetti e Moioli (2011, p. 728-729) afirmam que

> O que trazemos de atual na situação é que a modelagem corporal se faz por meio de dietas, cirurgias plásticas e musculação, no entanto, o que temos de conservador é a tendência de modificação, mostrando o homem recriando o corpo, tornando-o um modelo comunicacional artístico, de modo a expressar um estilo de vida contemporâneo. Isso é uma característica atemporal (p. 728-729).

O corpo deixa de ser motivo de lamúrias, inquietações e frustrações, podendo ser remodelado, reconfigurado através de múltiplas escolhas, inclusive realizadas por *designs especializados*. Não haverá mais a ditadura de um corpo único que fragiliza muitos sujeitos, descontentes com a própria aparência. Segundo Le Breton (2011) quando o indivíduo muda o corpo ele

está mudando também sua identidade. A cirurgia estética reflete no seu imaginário mudando inclusive a relação do indivíduo com o mundo.

Essas alterações da mesma forma que adéquam o corpo naquilo que é considerado perfeito e belo modificam também a estrutura interna do sujeito, ultrapassando os limites da própria personalidade.

Stelarc, em seus estudos sobre o humano pós-biológico, desconfigura o corpo em suas obras transformando-o, em suporte, pois este corpo não é mais lugar do sujeito, para o artista, o corpo passa a ser um objeto do ambiente, não tem mais serventia, o homem se liberta da evolução no momento em que a tecnologia adentra em seu corpo de acordo com a necessidade ou o desejo e então, ele se reorganiza.

O corpo então, não se adéqua mais a amontoar a gama de informações existentes, por isso diferi-lo entre o real e o virtual se torna cada vez mais difícil.

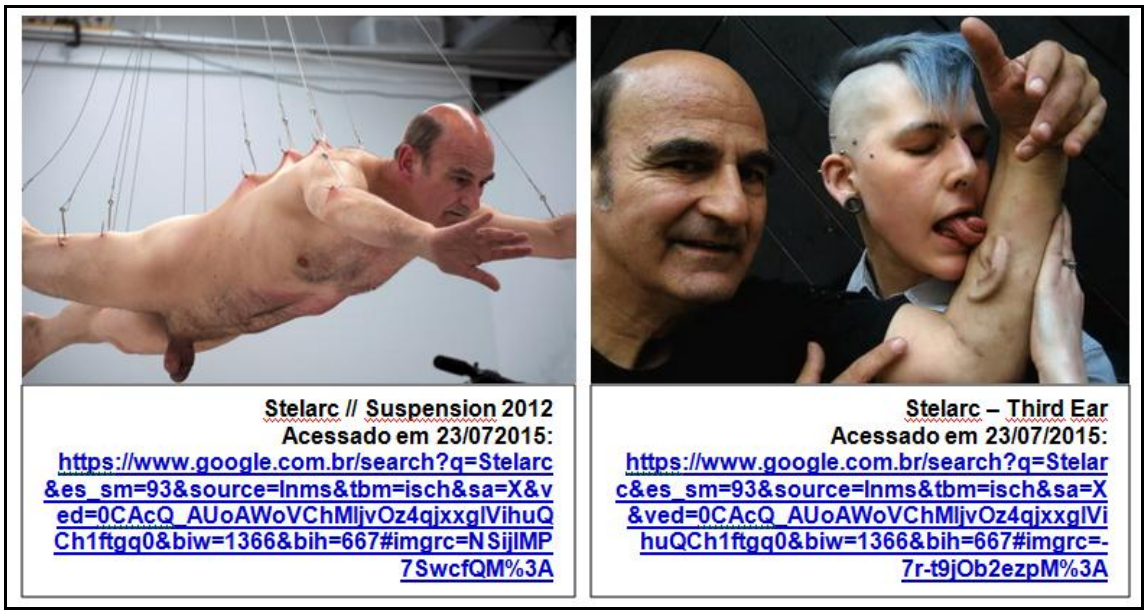


Figura 4 - Stelarc.

A sociedade demanda aprender o quanto os corpos necessitam ser valorizados não somente como objetos de prazer, beleza e tecnologia, porém com a possibilidade "de serem corpos de indivíduos dignos e éticos, mas ao mesmo tempo, de coletivos, destituídos do espírito de rebanho" (SANT'ANNA, 2000, p. 248).

Neste sentido, a imagem do corpo vai além de sua aceitação estética expressando também no seu constructo as representações de gênero que assim o constroem.

3.3. Gênero

As diferentes escalas de gênero- masculino e feminino- e de formas de atuar nas relações sociais de poder entre homens e mulheres defendidos por Louro (1997), decorrem da cultura, havendo vários exemplos ao longo da história da humanidade, de que a hierarquia de gênero em muitas sociedades, é a favor do masculino.

Nascido de um diálogo entre o movimento feminista, suas teorias e as pesquisadoras de diferentes disciplinas, o conceito de gênero tem como figura importante a filósofa Simone de Beauvoir, filósofa nascida em 1908, Paris, que buscava descartar tudo o que se referia à mulher como determinação “natural” do comportamento feminino.

O conceito de gênero, desenvolvido pela teoria feminista na década de 1980 e rediscutido por Scott (1995) diz respeito a um sistema de relações de poder que toma como base um conjunto de qualidades, identidades, comportamentos opostos atribuídos a mulheres e homens e papéis diferenciados. As relações de gênero são assim determinadas pelo contexto social e cultural da mesma maneira que as de raças, classes ou etnias.

Este autor afirma também que “gênero é [...] a forma pela qual as capacidades reprodutivas e as diferenças sexuais dos corpos humanos são trazidas para a prática social” (SCOTT, 1995, p. 189).

Nos PCN, (Parâmetros Curriculares Nacionais) formulados pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura) para o 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental encontramos o conceito de gênero da seguinte forma:

> Gênero diz respeito ao conjunto das representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos. Enquanto o sexo diz respeito ao atributo anatômico, no conceito de gênero toma-se o desenvolvimento das noções de „masculino‟ e „feminino‟ como construção social. O uso desse conceito permite abandonar a explicação da natureza como a responsável pela grande diferença existente entre os

> comportamentos e os lugares ocupados por homens e mulheres na sociedade. Essa diferença historicamente tem privilegiado os homens, na medida em que a sociedade não tem oferecido as mesmas oportunidades de inserção social e exercício de cidadania a homens e mulheres. Mesmo com a grande transformação dos costumes e dos valores que vêm ocorrendo nas últimas décadas, ainda persistem muitas discriminações, por vezes encobertas, relacionadas ao gênero (BRASIL, 1997, p. 321-322).

Criado no século XVII, o conceito de "homem natural" nos dá a base para a crença no comportamento sexual "natural" e através da fixação desse conceito e dessa regra nos sentimos seguros sem, no mínimo, questionarmos a fonte. A noção de sexo biológico como matéria prima natural, muitas vezes, no nosso cotidiano passa despercebida, sem que possamos pensar sobre o controle social que ele revela e nos impede de perceber a influência da cultura e os meios discursivos pelos quais foi criado (OLIVEIRA, 2009).

Segundo Highwater (1992, p. 14),

> Para muitos sociólogos, essa tendência resulta na masculinização das atitudes sexuais: a propensão a focalizar inteiramente a sexualidade nas virilhas. Em sentido lato, no entanto, a focalização não é tão estreita, já que, pelo contrário, o sexo é o veículo para uma ampla variedade de sentimentos e necessidades. Na sua maioria, porém, os homens acham difícil compreender a possibilidade dessa variedade, dado o analfabetismo emocional, que é um aspecto implícito da socialização masculina.

Tal fenômeno pode ser visto sociologicamente através da Teoria das Representações Sociais em Moscovici (2003) como a legitimação de grupos sociais que se tornam parte de uma dinâmica social complexa e contraditória, em que procuram estabelecer uma hegemonia sempre partindo de pontos conflituosos nas estruturas que representam a própria cultura.

Ao abrir essa divisão dos sexos e dos corpos, macho e fêmea, possibilita-se também a abertura de outras oposições relacionadas nas oposições de gênero, que sua vez se relacionam com as oposições de sexo Para Deleuze e Guattari (2014) não é possível um único olhar sobre os fenômenos, há uma pluralidade de pontos de vista, nos quais as relações diferenciais não se minimizam em modestas oposições, mas quando há

possibilidade de uma solução, ela implica em uma terceira posição contraditória. A cultura, enquanto atividade formadora e essencial, precisa passar da negação para uma cultura de afirmação, na qual possa haver uma abertura para o novo, para o livre e para a vida em detrimento de uma cultura de conservação e reprodução do que foi instituído.

Portanto, a questão de gênero não poderia deixar de ser pautada numa reconstrução histórica de significado.

O nosso nascimento é o começo dessa longa história pela qual somos lançados ao mundo num misto de dor e coragem pertencentes a um corpo, um sexo, uma família, uma condição social, um tempo e um espaço.

Louro (2000, p. 6) em consonância com essa linha de pensamento afirma que:

> A inscrição de gêneros - feminino ou masculino- nos corpos é feita, sempre no contexto de uma determinada cultura e, portanto nas marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade – das formas de expressar os desejos e prazeres também são sempre estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade. (...) É, então, no âmbito da cultura e da história que se definem as identidades sociais (todas elas e não apenas as identidades sexuais e de gênero, mas também as identidades de raça, de nacionalidade de classe, etc). Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que esses são interpelados a partir de diferentes instituições ou agrupamentos sociais.

Ainda segundo a autora, o reconhecimento de uma identidade supõe o sentido de pertencimento a um grupo. Somos donos de muitas identidades e essas múltiplas identidades sociais, podem em um determinado momento nos parecer favoráveis e em outros não. Assim também acontece com as identidades sexuais e de gênero, possuem um caráter fragmentado.

O que se pretende, então, é a compreensão de "gênero como constituinte da identidade dos sujeitos" (Louro, 1997, p. 25) quando se pretende referir a algo que transcende a apenas o desempenho de papéis, onde as distintas instituições e as práticas sociais "são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros". (LOURO, 1997, p. 25).

Esse conceito infere uma reflexão sobre gênero de maneira plural, visto que as representações de homem e mulher são diversas e que diferem de uma

época para outra, assim como entre as sociedades. A diferença biológica não é mais determinante para definir homem de mulher, segundo Louro (1997) este é apenas um ponto de partida.

Desta forma, as diferentes masculinidades são produzidas no mesmo contexto social, mas considerando seus diversos grupos com as diferentes relações de dominação, marginalização e também cumplicidade. Portanto, inscrições dos gêneros nos corpos não são feitas de maneira aleatória ou por imposição social (por mais que se queira), mas sim no contexto de uma cultura, e de suas marcas.

Louro (1997) articula a importante transformação nos Estudos Feministas no sentido de que grande parte das discussões em relação a gênero inclui as questões de sexualidade.

> O que importa aqui considerar é que tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade as identidades são sempre *construídas,* elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. Não é possível fixar um momento seja no nascimento, a adolescência, ou a maturidade que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja "assentada" ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação (LOURO, 1977, p. 27).

É dentro do contexto de cada cultura e da história, que os sujeitos subjugados (negros, homossexuais, trans, pobres, analfabetos...) são sempre aqueles capazes de compor grupos de resistência e de exercício de poder (FOUCAULT, 1977).

As lentes de Foucault (1977) incitam novos olhares sobre as relações de poder entre os gêneros, sobre comportamento e conduta dos meninos e meninas, sobre os corpos, sobre as tecnologias que garantem o poder e sobre a sexualidade.

3.4. Sexualidade

A multiplicidade de discursos relacionados à sexualidade não facilitam escrever sobre o tema, mas sim, outorga uma responsabilidade ainda maior de pensar a sexualidade dentro de sua historicidade e hoje, tentar entende-la de

maneira a olhá-la „através‟ ou „pelos‟ olhos de nossos partícipes da pesquisa, para isso é fundamental entender um pouco das questões sobre sexualidade contadas através da história para compreender as transformações ocorridas.

No século XVII ainda havia uma prática quase que sem segredos e palavras ditas sem pudor ou reticências, discursos sem vergonha e uma sexualidade vivida displicentemente no meio de crianças e jovens sem escândalos ou incômodo. O sexo não era considerado promíscuo ou precisava ser disfarçado (NUNES, 2005).

Há uma mudança de discurso no século XVIII, de acordo com Foucault (2009, p. 24)

> [...] cerceamento das regras de decência provocou, provavelmente, como contra-efeito, uma valorização e uma intensificação do discurso indecente. Mas o essencial é a multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício do poder.

A instituição igreja cobra uma confissão detalhada das práticas sexuais de seus fiéis e atribui cada vez maior importância, na penitência. Uma evolução de pensamento tende a fazer da carne, a origem de todos os pecados. O sexo é envolto num mito de obscuridade, um conjunto de palavras consideradas obscenas são proibidas, cobra-se a decência de expressão, modo organizado de tornar o sexo moralmente aceitável e útil. "O sexo é questão de polícia como agravamento ordenado das forças coletivas e individuais pela necessidade de regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor de uma proibição” (FOUCAULT, op. cit: 31).

Foucault (1977) afirma que nos colégios, a impressão que se tem é que todo discurso sobre o assunto é proibido, mas a arquitetura, a regulação da disciplina e a organização interior grita sexo. A disciplina organiza os espaços, um espaço escrupuloso de vigiar, de quebrar as comunicações criando um espaço útil.

É fundamental saber o que todos falam o que fazem as ausências e as presenças através da disciplina.

> E ainda ai, ela encontra um velho procedimento arquitetural e religioso: a cela dos conventos. Mesmo se os compartimentos

> que ele atribui se torna pluramente ideais, o espaço da s disciplinas é sempre no fundo, celular. Solidão necessária do corpo e da alma, dizia certo ascetismo: eles devem, ao menos por momentos, se defrontar a sós com a tentação e talvez com a severidade de Deus. (FOUCAULT, 1977, p. 123)

Os médicos fazem discurso aos diretores, familiares e professores, que consequentemente repassam aos colegiais uma nova disciplina; o sexo das crianças e dos adolescentes passou a ser uma constante preocupação dos dispositivos institucionais. O modelo de convento vai se impondo como ideal para as meninas após a partida dos jesuítas. "Cada indivíduo no seu lugar; e em cada lugar, um indivíduo" (FOUCAULT, 1977, p. 123).

Já no século XIX surgem novos modos de conhecer a natureza e a sociedade na elaboração de um novo tipo de conhecimento baseado na objetividade da burguesia vitoriana em parceria com a Igreja, pautada no capitalismo que castra a sexualidade fora do ambiente de casa, absorvendo-a na seriedade, na função da reprodução e no silêncio, à mulher é atribuído o papel de mãe numa nova relação, marcando o sexo feminino e o corpo feminino para esta função, sendo o corpo da mulher, inseparável da reprodução (BADINTER, 1985).

Próprio das sociedades modernas o sexo é valorizado como segredo, o corpo a prisão dos desejos que a qualquer sinal de “desvio” deveria ser controlado por tratamentos médicos, controle pedagógico e familiar. Segundo Abreu (1999) o tripúdio dos costumes, "os instintos perversos, a falta de honra e de educação, a inclinação à malícia e à liberalidade foram expressões que marcaram os julgamentos" (ABREU, 1999, p. 299) de profissionais das mais diferentes áreas: médicos, juristas, membros do clero, literatos e jornalistas sobre as moças da época, fossem elas, pobres, negras ou brancas no decorrer dos últimos 150 anos.

Segundo Alexandrino (2009) foi ainda neste século que ocorreu outra mudança significativa em relação à terminologia usada para o envolvimento de pessoas do mesmo sexo. O termo *homossexual* passa a ser utilizado pela primeira vez. Todas as categorias construídas historicamente que tentavam nomear as práticas sexuais se concentram, a partir de então, numa grande categoria. A igreja junto com a medicina e a jurisdição legitima os traços

afeminados como anormais, uma aberração social. Encontra-se presente uma ideologia que considera o homossexual inferior em relação à heterossexualidade.

> O homossexual do início do século XIX herdou essa espécie de maldição. Era a um só tempo um anormal e um perverso. A Igreja estava pronta a reconhecer a anomalia física que fazia do homossexual um homem-mulher, um homem anormal, e sempre efeminado (ARIÈS, 1985, p.81).

É através do desenvolvimento da psicologia como ciência, que o sufixo *ismo* vem caracterizar o homossexualismo como prática patológica e a pederastia passam a ser entendida como homossexualismo.

Freud (2002) pioneiro na reflexão sobre a sexualidade foi educado sob-rigorosa influência judaica e sob pressão positivista acaba desenvolvendo um pensamento e uma teoria sobre o homem, sua existência, seus processos de criação e de compreensão da realidade. Mesmo com algumas limitações de pensamento, por ser marcadamente patriarcal, ele estrutura o funcionamento de aparelho psíquico apresentando - o em três partes: o Id, o Ego e o Superego, sendo o Id, a fonte primitiva, instintiva da libido que busca o prazer, sua satisfação imediata. O Ego é a parte racional e mediadora que trabalha entre o Id e as exigências externas do Superego, que é relacionado à consciência e que envolve os aspectos éticos e morais representando a internalização das regras e dos princípios sociais.

Foi a psicanálise, a responsável no Ocidente, em propagar os significados da palavra homossexualidade Freud acaba por definir a heterossexualidade como sexualidade normativa, enquanto que a homossexualidade é considerada anormal na crença de uma possível cura e a sexualidade como natural ao sujeito.

Freud provoca com sua teoria uma grande ferida narcisista em nossa cultura ocidental. Alexandrino (2002, p. 16) afirma que

> [...] ela deixa marcas. Cria-se um conceito, uma grande categoria, que acaba aglutinando um conjunto de concepções preconceituosas e racista (a ideia de um homossexualismo como desvio, patologia e inaceitabilidade social). A representação de um homossexualismo como doença passa a

> ser algo presente não apenas na medicina, como também na psicologia.

Durante o século XIX até a atualidade há uma mudança de concepção, caracterizando-se no âmbito político social. Inúmeras publicações demonstram que a visão das práticas sexuais entre as pessoas do mesmo sexo começa a ter outros significados. O termo homossexualismo deixa de ser utilizado dando lugar ao termo homossexualidade- relativo a uma forma de ser e estar no mundo. Mesmo assim, há um número considerável de pesquisas que tentam dar à homossexualidade explicações biológicas, genéticas ou hereditárias (ALEXANDRINO, 2009).

Já Foucault, em sua obra clássica sobre sexualidade, tornou-se referência para uma proposição sobre o tema, ao categorizar as formas de concebê-la as no Oriente e no Ocidente. Ele coloca o desenvolvimento da sexualidade no Ocidente, a *scientia sexualis*[2] como um discurso confessional, colonizado, controlado em continuidade com aquele vivido na Idade Média. Todo discurso apresentado em relação ao tema faz-se através do crivo do controle, da lógica e do poder dominante sobre as práticas de uma colonização da palavra criando “o homem confessional”. Disciplina as relações conjugais e pedagogiza o sexo infantil que tem continuidade a posteriori com a medicina e a psicologia (NUNES, 2005).

Já no Oriente, a expressão da sexualidade erótica, envolvente, misteriosa e sedutora estimulada pelos rituais cerimoniosos. A *ars erótica*[3] em seus delineamentos estaria preservada e não controlados institucionalmente pelo Estado "para se sedimentarem no imaginário social erótico, midiatizado por ritos de iniciação" (NUNES, 2005, p. 25).

Com o advento da modernidade Foucault (1988) questiona esses discursos ocidentais e a lógica da dominação através de um medo frio, rígido com as regras do que é permitido ou não e do controle do desejo.

---

[2] *Scientia sexualis:* forma de compreender também a disciplina das relações matrimoniais, a pedagogização do sexo infantil e a histericização do corpo da mulher, no estudo de Foucault. (NUNES, 2005. p.25**)**

[3] *Ars erótica*- forma afirmativa da sexualidade, não controlada pelo discurso racional e lógico nem pelas críticas institucionalizadas (NUNES, 2005, p. 25).

Consequentemente, segundo Louro (2000) a heterossexualidade é concebida como algo normal e todos os sujeitos possuem uma tendência inata para escolher como objeto de seu desejo, um parceiro do sexo oposto e todas as demais formas de sexualidade são considerados anormais ou antinaturais.

3.5. Homossexualidade

De acordo com Marques (2010) o termo homossexualidade foi criado em 1860 pelo médico austro-húngaro Karoly Maria Benkert (1824-1882) quando se referiu à relação sexual entre pessoas do mesmo sexo, sendo tratada como doença: anormalidades de cunho biológico, doença mental e disfunção sexual O uso de nomenclaturas diferenciadas ao longo dos séculos muda "de acordo com as épocas, culturas e discursos vigentes: sodomitas, invertidos, doentes mentais ou perversos, dentre outros" (MARQUES, 2010, p. 468).

No Brasil, os estudos sobre a homossexualidade têm como ponto central questões na área de saúde sem se pautar na identidade sexual ou na socialização. De maneira salutar a história da homossexualidade desde o Brasil Colônia, se refere a década de 60 como aquele momento em que através dos espetáculos de Nelson Rodrigues o universo *gay* começa a ser desvendado como em "Beijo no asfalto"; "Pedra sobre Pedra" (1992); “Por Amor” (1998), “A Próxima Vítima” (1995), “América” (2005), exibidas pela Rede Globo de Televisão. Na música, paralelamente, Ney Matogrosso revelava sua androgenia e disparava na vendagem de discos.

Foucault (1988) coloca que toda essa explosão do universo *gay*, tem início no período vitoriano quando há um cerceamento do discurso através do poder, do policiamento, controlando tudo o que se referia a sexo.

Quanto mais o controle acontecia mais havia necessidade de se falar sobre o assunto e ainda não se falava o suficiente. Através do trabalho excessivo acreditava-se que haveria menos tempo para se falar ou fazer sexo, então ele seria usado somente para procriação (Foucault, 1988).

O surgimento da AIDS (sigla originada do inglês, que significa Síndrome da Imunodeficiência Adquirida – acquired immunodeficiency syndrome) na década de 1980 como também a perseguição exacerbada ao público homossexual por ser ele inicialmente, o grupo mais atingido pelo vírus HIV,

evidenciaram mais uma vez os *gays* na mídia Neste período, precisavam formar guetos nos quais podiam se expressar livremente sem sofrer discriminação (TREVISAN, 2007).

No fluxo da doença e da exposição às mídias, Louro (2000, p. 8) afirma que

> Pelas possibilidades cibernéticas, práticas sexuais virtuais substituem ou complementam as práticas face- a- face. Por outro lado, adolescentes experimentam, mais cedo, a maternidade e a paternidade; uniões afetivas sexuais estáveis do mesmo sexo se tornam crescentemente visíveis e rotineiras; arranjos familiares se multiplicam e se modificam...

As novas tecnologias reprodutivas e as "articulações corpo-máquina" (Louro, 2000, p. 8) insere no cotidiano formas diferenciadas de ver e viver desestabilizam certezas, modificam maneiras de gerar, nascer, desenvolver, amar ou morrer.

Essas mudanças geram a compreensão de que "a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política. [...] é 'aprendida' ou melhor, é construída, ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos" (LOURO, 2000, p. 8).

Foucault (1988) afirma ser a sexualidade uma invencionice social, partindo de múltiplos discursos sobre o sexo e sugerindo um olhar heterogêneo para todas as instituições, discursos ou regulações de poder.

Como sujeitos de diferentes identidades sociais, as identidades de gênero e sexuais também possuem caráter fragmentado e instável, portanto, o reconhecimento do "outro" depende do lugar social que se ocupa, dos demarcadores construídos e de quem está dentro ou fora deles. De acordo com Louro (2000), esses demarcadores são estabelecidos em nossa sociedade Ocidental pelo sujeito branco, heterossexual, cristão e de classe média urbana. Todos os demais sujeitos serão referendados como dentro ou fora a partir dessa referência.

Gays, lésbicas, transgêneros, homossexuais, bissexuais, são considerados desviantes deste padrão e a mulher é representada como "segundo sexo". As questões de sexualidade continuam como assunto privado.

A heterossexualidade acompanha a negação da homossexualidade, negação seguida de homofobia (LOURO, 2000).

Salvo raras exceções,

> [...] o/ a homossexual admitido /a é aquele ou aquela que disfarça sua condição, "o/ a enrus-tido/ a". De acordo com a concepção liberal de que a sexualidade é uma questão absolutamente privada, alguns se permitem aceitar 'outras' identidades ou práticas sexuais desde que permaneçam apenas na intimidade. O que efetivamente incomoda é a manifestação aberta e pública de sujeitos e práticas não – heterossexuais (LOURO, 2000, p. 31)

Curiosamente, o jovem da geração Y, vem através das redes sociais de comunicação demarcando espaços que contrariam a ordem imposta, definindo suas identidades na medida em que expõe suas opiniões desestabilizando referências ora instaladas.

Na medida em que gays, lésbicas, queers, bissexuais, transexuais, travestis saem do anonimato, elas revelam a 'instabilidade e a fluidez das identidades sexuais [...] essa pluralização e ambiguidade abrem um leque demasiadamente amplo de arranjos sociais" (LOURO, 2000, p. 32).

A despeito de qualquer escolha que o sujeito faça, seu corpo apresenta marcas desse processo de mudança e seus movimentos tornam- se referência para os demais.

4. O Continuum - aurora boreal

Figura 5 - Aurora Boreal.

4.1. Geração nativa digital

A era digital provoca uma confluência de mídias e formas de comunicação que de acordo com Domingues (2003) o ser humano experimenta isso "interagindo e recebendo respostas em tempo real a partir de máquinas, em fluxos que processam novas sínteses sensoriais" (p. 96). São inúmeras as possibilidades para o jovem que intervém no mundo do trabalho, criando, ousando, ensinando e aprendendo.

> Aprender e ensinar faz parte da existência humana, histórica e social, como dela fazem parte à criação, a invenção, a linguagem, o amor, o ódio, o espanto, o medo, o desejo, a atração pelo risco, a fé, a magia, a ciência, a tecnologia. [...] A educação é permanente na razão, de um lado, da finitude do ser humano, de outro, da consciência que ele tem de sua finitude. Mais ainda pelo fato de, ao longo da história, ter incorporado à sua natureza não apenas o *saber que vivia*, mas *saber que sabia* e, assim, saber que podia saber mais (FREIRE, 2003, p. 20-21).

Neste *saber que podia saber mais*, os jovens dessa nova geração midiática, se destacam em relação aos adultos, partilhando cada vez mais de uma cultura globalizada de mídia, com outros jovens de diversas partes do mundo os mais diversos conhecimentos e saberes.

Nascidos em meados dos anos 90 são conhecidos como geração Z. Grande parte ainda não inserida no mercado de trabalho é contemporânea a uma realidade conectada à Internet. Z em alusão a *zapear na internet,* fazem parte da população observada neste estudo. Jovens que *sabem que sabiam* desde o primeiro momento que tiveram contato com a tecnologia. Em contraposição à geração TV, de acordo com Tapscott (2010) os jovens da geração net são sedentos de novidades, descobertas, são socialmente conscientes e tolerantes à diversidade.

Esses jovens, considerados nativos digitais, definições criadas nas áreas de marketing e economia, de modo a identificar as necessidades de consumo dessa geração, apresentam um crescimento e desenvolvimento fortemente marcado pelas novas tecnologias e mídias eletrônicas.

Segundo alguns autores (EISENSTEIN, 2009; TAPSCOTT, 2010; MOTTA e CALLIARI, 2012), é uma geração que possui um comportamento multitarefa, conseguem realizar diversas atividades ao mesmo tempo (ler, ouvir música, enviar mensagens de texto no celular, etc), organizam-se em comunidades físicas e virtuais, convivem em redes, buscam a realização imediata dos desejos, são extremamente seletivos, mantém relações interpessoais pouco sérias, e apresentam comportamento antissocial.

Ainda segundo os autores as relações familiares não são tão expressivas quanto os contatos virtuais estabelecidos pelos jovens na Web (rede de conexão entre computadores por todo o mundo) e se destacam pela excentricidade. De perfil mais imediatista, apresentarão sérios problemas no mercado de trabalho em relação ao trabalho em equipe, às questões de respeito ao outro e à tolerância.

Sabem utilizar a tecnologia digital no cotidiano e são considerados consumidores práticos e exigentes. Constrói um novo saber, uma nova cultura adquirindo o conhecimento pelo qual têm interesse de forma rápida, através da internet (TAPSCOTT, 2010).

Conforme ressaltam Almeida e Eugênio (2006) essa comunicação fugaz e constante contém um repertório básico com o uso de risos grafados, "expressões, interjeições, troca de ícone ou *hemópticos* (carinhas, rindo, chorando, com sono, raivosas, mostrando a língua, piscando, etc)" (p.64) e que parece, segundo as autoras, um querer de substituir a fala por tais expressões.

Existe ao que se percebe um aumento na velocidade da comunicação, uma economia nas palavras que corroboram para que o tempo de troca entre as "falas" seja o menor possível, dando um efeito de uma comunicação cada vez mais real.

Segundo Moioli (2013, p. 76),

> O isolamento que o indivíduo conquistou, proporcionado pelos recursos eletrônicos, concede - lhe um nível de liberdade quase infinito, levando este sujeito a não enxergar que seus atos ilimitados podem interferir nas ações coletivas.

Esse isolamento subjetivo ou real demonstra no cenário contemporâneo das relações e comunicações virtuais a busca contínua do jovem de desafios e de re- encantamento pelo mundo.

Conforme aponta Moioli (2002, p. 39)

> Ao se expor à revolução tecnológica em que a sociedade contemporânea se encontra, o homem sofre as interferências características das mudanças de época. Portanto, as atitudes e os valores correspondentes a este período estão vinculados aos novos hábitos e costumes.

Essa nova forma de linguagem, converge para a elaboração do sentimento de pertencimento ao grupo da idade e uma forte disposição para coisas novas. Modalidade de manipulação segundo Almeida e Eugênio (2006) de transpor a barreira do tempo e do espaço, "por uma ética que faz do instante sua unidade de medida" (p. 69).

O jovem midiatizado anseia por liberdade de expressão, de trazer à luz seus sentimentos, sensações e percepções. De acordo com Moioli (2013, p. 212)

> A liberdade auferida pela rede virtual configura-se como ilimitada e descolada das condutas éticas. Outros caminhos apontam também para o uso das redes sociais com o objetivo de agrupar pessoas com os mesmos perfis, interesses, desejos e metas, em comunidades de relacionamentos. Nesses “não-lugares” podem ser consolidados os encontros pessoais (físicos) e combinadas as relações afetivas, amorosas e sexuais, tanto na perspectiva hetero quanto homossexual.

Esses encontros pessoais estão, assim como as descobertas diárias da tecnologia e da ciência em constante transformação o que exige do ser humano um posicionamento mais crítico e eficiente perante "a questões sociais e culturais complexas em nossa sociedade" (GARCIA, 2014, p. 48).

4.2. Instituição: escola.

É a partir dos séculos XV e XVI, segundo Castro (2006), que a organização da educação ocidental começa um processo de reestruturação do poder moderno e há uma preocupação inicial com a educação de pessoas fora do clero, como comerciários, homens da lei e outros agentes sociais. Ao mesmo tempo começa também a formação de crianças desde a tenra idade e a educação burguesa vai se tornando mais popular.

Desde seu início a escola se incumbiu de separar os sujeitos em categorias, ao entrar na instituição escolar a criança já era considerada aquela que tinha oportunidades diferenciadas em relação àqueles que não tinham condições de acesso a ela. Internamente também havia divisões distintas através de variados sistemas de classificação, hierarquização e ordenamento.

Segundo Louro,

> A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas (1997, p. 57).

Com o passar do tempo os grupos que foram inicialmente excluídos da escola passaram a exigir mudanças e foram trazendo transformação à instituição. Dessa forma ela se modificou e precisou ser diversificada na sua forma de organizar a parte física, estrutural, na docência, nos regulamentos, no currículo e nas avaliações que deveriam garantir a divisão entre os sujeitos (LOURO, 1997).

A autora afirma ainda que a escola delimita espaços e a forma com que cada sujeito precisa se comportar ou agir dentro dela através de sua arquitetura, suas marcas, seu discurso fazendo com que os sujeitos se identifiquem ou não com os modelos apresentados.Dentro da cada período e contexto histórico, a escola vem reproduzindo as concepções dominantes e essas vão sendo interiorizadas como naturais, e divisões de raça, classe, etnia,

gênero e sexualidade estão internamente determinadas nessas divisões e constituem as identidades de seus participantes. Identidades escolarizadas.

Tudo o que se produz dentro das escolas tem um objetivo e nada é apolítico ou aleatório. As diferenças são conduzidas pelo processo a serem aceitas, banalizadas, descriminadas ou repudiadas. Nela se aprende o que pode ser falado, sentido ou ouvido, se aprende também o momento de falar e de calar, quando e como se manifestar e até mesmo a hora em que se deve retirar- se do processo. (LOURO, 1997).

Os corpos são conduzidos pelos corredores e espaços existentes, de modo a se encaixarem, mesmo que apertados e sufocados; precisam ser "adestrados". Meninos e meninas aprendem a ter comportamentos diferenciados, distinguindo-os uns dos outros. Alguns aceitam facilmente, outros se envolvem, reagem, atrapalham o andamento do sistema e se recusam a pactuar com tais modelos.

A estrutura quadrada das salas de aula, possibilita um pensar e um agir no mesmo formato, estruturando com o passar dos anos, as mentes e os sentimentos de crianças, jovens e adultos. A postura reta nas cadeiras escolares transcende a posição física dos membros, cabeça ou tronco, ela deve indicar o caráter e as virtudes do educando (Louro, 1995), inscrevendo, assim nos corpos dos sujeitos as marcas da escolarização.

Os anos passam e as marcas circunscritas na instituição escolar vão sofrendo adequações, modificações e ampliações através de diversos, e muitas vezes quase imperceptíveis mecanismos.

Todo o currículo proposto ou imposto tem um *locus* específico e que seguramente evidencia as diferenças de gênero, sexualidade, etnia e classe. Todas essas dimensões precisam ser postas em questionamento. Faz-se necessário questionar o que e como ensinamos, quem aprende, para quem e para que ensinamos aquilo que ensinamos. E que sujeito é esse que hoje se encontra atrás das carteiras escolares. Qual a linguagem que os docentes estão "palavreando", sobretudo quais as marcas que estamos perpetuando?

> Dentre os múltiplos espaços e as muitas instâncias onde se pode observar a instituição das distinções e das desigualdades, a linguagem é, seguramente, o campo mais eficaz e persistente- tanto porque ela atravessa e constitui a maioria de

> nossas práticas, como porque ela nos parece, quase sempre, muito "natural". Seguindo regras definidas por gramáticas e dicionários, sem questionar o uso que fazemos de expressões consagradas, supomos que ela é, apenas, um eficiente veículo de comunicação. No entanto, a linguagem não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os *institui;* ela não apenas veicula, mas produz e pretende *fixar* diferenças (LOURO, 1997, p. 65).

Ainda segundo Louro (1997), estudiosas feministas há anos vêm levantando questões a respeito da linguagem falada nas instituições escolares consideradas "normais", mas que sugerem maneiras sexistas de tratamento. A naturalidade e conformidade com que as regras tradicionais de linguagem são colocadas podem impossibilitar que tomemos conhecimento de ambiguidades, como por exemplo, o uso da expressão *homem,* que designa tanto indivíduos do sexo masculino quanto do feminino.

Assim talvez, mais importante que estar atento ao que é dito sobre o sujeito nas instituições escolares e consequentemente fora delas é aquilo que se encontra oculto nas palavras, se encontra nas entrelinhas dos dizeres e das ações. "O ocultamento ou a negação dos/as homossexuais- e da homossexualidade- pela escola. [...] a ausência da fala- aparece como uma espécie de garantia da "norma" (LOURO, 1997, p. 68).

Grande parte do material didático utilizado, vem corroborar com o insistente discurso discriminatório das tradições da família ocidental. E se as disciplinas existentes, inúmeras vezes auxiliam na constituição da identidade de gênero através de atividades, falas ou pequenos gestos e ações rotineiras é nas aulas de Educação Física que esse processo é mais explícito.

A história dessa disciplina, por muitos anos (e ainda hoje em várias instituições) esteve vinculada a biologia, à manutenção da saúde e da higiene e fez com que a divisão de turmas femininas e masculinas seguindo uma ordem biológica fosse da disposição "natural" das coisas. De acordo com Neira (2009) determinados discursos tendem a afirmar e validar a identidade de normal, de padrão a ser seguido "representando o Outro como o diferente, algo a ser corrigido ou deixado à margem das decisões sociais" (p. 202).

Estudiosos (as) de gênero (Machado, 2012 ;Goellner, 2012; Fávero, 2010, etc.) destacam a importância dos esportes e da atividade física na formação do sujeito, e em especial àqueles que se dedicam ao estudo das

masculinidades. O esporte, quando bem conduzido é um instrumento fundamental para garantir a animosidade social, a interação entre grupos de diferentes culturas e a não discriminação, e na escola as aulas de Educação Física podem servir de mola propulsora para relações mais saudáveis. Mas qual a valoração que a escola dá para que as aulas de Educação Física? Segundo Machado (2013, p. 367),

> Os fatos demonstram, não obstante, que nossa escola e sociedade, como um bloco monopolítico, vêm transmitindo, ao longo do tempo, informações alijadas da realidade e distantes da prática social dos alunos, sobretudo dos que pertencem às camadas populares, dificultando ou mesmo impedindo a assimilação do que é ensinado, ou ainda ensinando o desnecessário e vivenciando o utópico.

A educação física é uma das únicas disciplinas dentro da escola que dá ao sujeito uma visibilidade diferenciada. Os alunos (as) nesta disciplina são particularmente observados em suas posturas, habilidades e condutas (LOURO 1997).

A competição é uma das referências da disciplina e destacar-se em alguma modalidade esportiva significa status à criança ou ao jovem.

> Omitir a competição numa sociedade que a mantém em sua natureza é criar um quadro artificial que levará a aquisição forçada de situações abstratas, servindo mesmo para provocar ou acentuar desajustamentos, marginalização e conflitos diante da realidade social em que vivem, de fato (MACHADO, 2013, p.384).

Em muitas escolas ainda, para as meninas, são evitadas atividades consideradas "mais radicais" por sua "fragilidade" física e as competições não são muito bem- vindas para elas. Tradicionalmente as meninas aprendem a se locomover, assim como a ocupar um espaço corporal mais limitado em relação aos meninos.

Maus (2003) atenta para as referências técnicas corporais de cada sociedade, dizendo que a Cultura faz parte do cotidiano e que tudo que há no ser humano é comandado por um conjunto de atitudes corporais que são consideradas normais, permitidas e naturais e que por vezes isso não é percebido Elas fazem parte da identidade do sujeito, porém isto não significa

que umas sejam melhores que as outras. Cada uma tem seu valor histórico e reflete de forma única os atos, comportamentos de cada indivíduo que está inserido e dialoga com a sociedade.

> Se pretendemos ultrapassar as questões e as caracterizações dicotomizadas precisamos reconhecer, que muitas observações do senso comum ou provenientes de estudos e pesquisas- se baseiam em concepções ou em teorias que supõe dois universos opostos: o masculino e o feminino. Também aqui é evidente que a matriz que rege essa dicotomia é, sob o ponto de vista da sexualidade, estritamente heterossexual. Como consequência, todos os sujeitos e comportamentos que não "se enquadram" dentro dessa lógica ou não são percebidos ou são tratados como problemas e desvios (LOURO, 1997, p. 76-77).

Tudo o que acontece no âmbito escolar, linguagens, organização, instrumentos de avaliação, currículos e regulamentos são todos inscritos para manter a ordem do sistema.

Conforme Louro (1997) a seleção dos conhecimentos revela as divisões, relações de desigualdade, sempre políticas, e legitima alguns sujeitos em detrimento de outros. A escola dessa forma, "fabrica" sujeitos, produz diversas identidades de gênero, identidades étnicas e de classe.

Ao não compactuar com essa relação escola- sujeito "normatizado" é que se pensa em possibilidades de intervenção, vinculando o olhar às pesquisas no campo dos estudos provenientes dos movimentos feministas, assim como no campo dos estudos em relação aos negros, aos gays, às lésbicas e trans, além dos estudos culturais.

É necessária a adoção de uma postura vigilante, sem ser ingênua ou reducionista, mas contínua no sentido de "procurar desestabilizar as divisões e problematizar a conformidade com o "natural". Isso implica disposição e capacidade para interferir nos jogos de poder" (LOURO, 1997, p. 86).

Freire (2005) coloca que é necessário que os oprimidos tenham voz, se organizem criticamente na condição "em que se encontram e de se acham marcados" (p. 75).

5. Metodologia.

Acessado em 21/07/2015:
https://www.google.com.br/search?q=guernica&biw=1440&bih=805&source=lnms&tbm=isch&sa=X&sqi=2&ved=0CAYQ_AUoAWoVChMI67K7-JztxgIVBX2QCh2IOAJI#tbm=isch&q=alegoria+da+calunia&imgrc=Hn1fYblOPWTPdM%3A

Figura 6 - A Alegoria da Calúnia.

5.1. Método.

Neste capítulo será descrito o tratamento metodológico que orienta este estudo e suas bases ontológicas e epistemológicas que fundamentam o processo da pesquisa. De natureza interdisciplinar, este estudo dar-se-á através do método netnográfico, de cunho qualitativo e da Análise Documental, utilizando uma triangulação com a Análise do Discurso e a Observação.

O método netnográfico, é muito usado pela Antropologia, pelas Ciências Sociais, Ciências de Tecnologia e pela Psicologia Social.

Neste contexto a netnografia é utilizada como método interpretativo e investigativo para análise do comportamento cultural e de comunidades *on-line* (KOZINETS, 1998).

A transposição dessa metodologia segundo Montardo & Rocha (2005) para os estudos de práticas comunicacionais que têm como mediador o computador, recebe o nome de Netnografia e é concebido como um dos métodos qualitativos que estende o leque epistemológico dos estudos em comunicação e *cibercultura*, tendo como grande parte de seus objetos de estudo, localizados no *ciberespaço.*

Este "não lugar" de pesquisa, de acordo com Augé (1994) é que oferece dicas da ligação entre Antropologia e *Cibercultura,* o que justifica *o* uso da netnografia nesta pesquisa, ao propor o estudo das informações a respeito dos objetos oriundos da *Internet,* sua localização no *ciberespaço* e sua íntima relação com culturas diversificadas.

Enquanto pesquisador netnográfico, há um revestimento do experimentador do campo quando se envolve no uso do objeto pesquisado. Kozinets (2007) diz que esse envolvimento dentro das pesquisas netnográficas "podem variar ao longo de um espectro que vai desde ser intensamente participativo até ser completamente não obstrutiva e observacional" (KOZINETS, 2007, p. 15).

Faz- se necessário colocar a dinamicidade da netnografia enquanto ferramenta metodológica utilizada nos estudos em *cibercultura* e comunicação, ao pensar os seus objetos de pesquisa como mutáveis e efêmeros, sobretudo

frente às mudanças tecnológicas e á subjetividade comportamental dos mesmos nas redes sociais.

De cunho qualitativo, o estudo, tem como objeto de pesquisa as representações das comunidades virtuais das redes sociais de comunicação sendo uma estratégia sistemática na perspectiva fenomenológica, objetiva a análise de dados situados dentro de um contexto, e revela parte de um todo- um recorte, que será utilizado por buscar percepções e interpretar sobre a natureza do objeto.

Dentre as maneiras de se fazer pesquisa qualitativa Godoy (1995) coloca três possibilidades: a Etnografia, o Estudo de Caso e a Pesquisa ou Análise Documental, esta última será usada neste estudo que permite ao pesquisador a pesquisa com pessoas com as quais ele não tem acesso físico, no caso, as comunidades virtuais das redes sociais.

A Análise Documental é uma técnica de análise de dados que envolvem seleção, tratamento e interpretação do documento a ser analisado na busca de seus sentidos. Caracteriza-se por ser um processo dinâmico ao permitir de forma indireta revelar o modo de pensar, de viver e compreender de um fato social (CALADO E FERREIRA, 2004).

Com as Tecnologias de Informação e Comunicação, as imagens e todo conteúdo digital também são considerados documentos que podem ser utilizados pelos pesquisadores. Informações usadas em *webs sites, blogs, wikis,* comunidades *on- line*, entre outros, se caracterizam como fonte de dados para investigação que fazem parte de uma história que não se encontra nos livros (DENSCOMBE, 1998).

História, que será analisada utilizando a categoria do Discurso, definida por Orlandi (2009, p. 15) como "palavra em movimento, prática de linguagem" e se ocupa dos modos e das dinâmicas do texto e do discurso no decorrer dos sentidos produzidos ao longo do processo.

Não se trata de uma metodologia, mas de uma disciplina de interpretação que será utilizada como ferramenta de análise. Este processo de análise discursiva, objetiva questionar os sentidos estabelecidos em várias maneiras de produção verbais, não verbais, imagens, linguagem corporal ou entrecruzada com séries textuais (CAREGNATO; MUTTI, 2006).

A Análise do Discurso (AD) trabalha segundo Orlandi (2009, p. 16) "refletindo sobre a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua" com os fins específicos para um dado.

Outro dado relevante, a autora ressalta que na Análise do Discurso, a relação linguagem, pensamento e mundo não são únicos, os sentidos só são possíveis através da linguagem. Cada análise é unívoca, pois provoca diferentes conceitos ou categorias de acordo com o diagnóstico da Análise do Discurso é que os sentidos são produzidos ideologicamente e são constituídos nas e pelas formações discursivas e o papel da ideologia na ordem do discurso é o de "produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência" (ORLANDI, 2009, p. 46).

De acordo com Pêcheux (2009) um discurso é produzido partindo das condições de produção dadas, portanto é necessário para analisá-los fazer referências ao conjunto de discursos possíveis de acordo com as condições de produção anteriormente definidos.

Quanto ao estudo realizado se trata de uma pesquisa da realidade cotidiana nas comunidades de jovens, nascidos na década de 90, presentes nas redes sociais, comunidades do *Facebook®,* através de *posts* de imagens de desenhos onde foram observadas e analisadas as percepções subjetivas da geração denominada Z, (letra que define sociologicamente a geração de pessoas nascidas na década de 90 até o ano de 2010) e de suas marcas expressas sobre gênero e sexualidade.

5.2. Amostra.

A análise documental é composta de uma amostra de 10 imagens de desenhos obtidos nas comunidades da rede social do *Facebook* ®.

5.3. Instrumentos de coleta de dados.

Acesso às páginas do *Facebook* nas quais havia referências aos temas de gênero e sexualidade.

5.4. Instrumento de análise.

Tabelas contendo: categorias, variáveis, descrição e análise.

5.5. Procedimentos.

Os procedimentos da pesquisa foram orientados a partir dos seguintes passos:

- Busca nas páginas do *Facebook* ®, na Linha do Tempo, de sujeitos que faziam comentários, curtiam ou compartilhavam imagens que referendavam de alguma forma temas como gênero e sexualidade.
- Seleção inicial dos sujeitos levando em consideração os seguintes critérios:
    1. A incidência dos *posts* que faziam referência aos temas gênero e sexualidade, propostos neste estudo.
    2. A triagem das páginas do *Facebook* ® - Linha do Tempo, de informações que pudessem indicar a idade dos sujeitos pré-selecionados.
    3. A distinção das páginas de sujeitos com idade entre 18 e 24 anos, observando seu perfil, – geração Y de acordo com Tapscott (2010) geração base nesta pesquisa.
    4. O acompanhamento dos *posts* durante o mês de julho de 2014, três vezes por semana, das 23 horas à 1hora e 30 minutos (período e horário escolhido por ser mais adequado às condições de observação da pesquisadora).
- A apuração inicial de 50 (cinquenta) sujeitos-jovens, de acordo com os critérios acima expostos.
- A observação, dentro das postagens dos sujeitos selecionados, da presença de comunidades cujo nome tinha relação com gênero e/ou sexualidade.
- Investigação pelas comunidades que apareciam, comentadas ou compartilhadas duas ou mais vezes na semana, pela maioria dos sujeitos selecionados e que apresentavam acima de 10.000 (dez mil) curtidas.

- Análise dessas comunidades através das legendas dos posts das páginas do *Facebook* ® dos sujeitos pré-selecionados.
- Averiguação dentre essas comunidades daquelas que tinham maior número de curtidas.
- Escolha de cinco comunidades, que apresentavam o maior número de curtidas e que foram formadas após o ano de 2010, considerando que uma das propostas do estudo era relacionar às publicações do *Facebook* ® nesta primeira década do século XXI, dos jovens da geração Y, quanto às suas percepções e marcas em relação a gênero e sexualidade.
- Inquirição dentre as cinco comunidades selecionadas das mais curtidas.

Apuração de três comunidades com mais de 100.000 (cem mil curtidas). São elas:

- ✓ Feminismo sem Demagogia (https://www.facebook.com/.../**Feminismo-Sem-Demagogia)**.
- ✓ Eu sou a favor do casamento civil entre pessoas do mesmo sexo no Brasil **(**https://pt-br. facebook.com/casamentoigualitario).
- ✓ Feminismo 3/4 (https://pt-br. facebook.com/**feminismo**de34).

- Busca de *posts* de imagens de desenhos com mais de 10.000 (dez mil curtidas) para análise e discussão dos resultados, considerado pela autora como um número relevante de amostra para o estudo.
- Seleção dentre os posts, daqueles que apresentavam somente imagens de desenhos relacionados ao tema, gênero e sexualidade, com o intuito de preservar a identidade dos sujeitos.

No próximo capítulo será realizada a discussão e análise dos resultados de acordo com a revisão bibliográfica apresentada a priori.

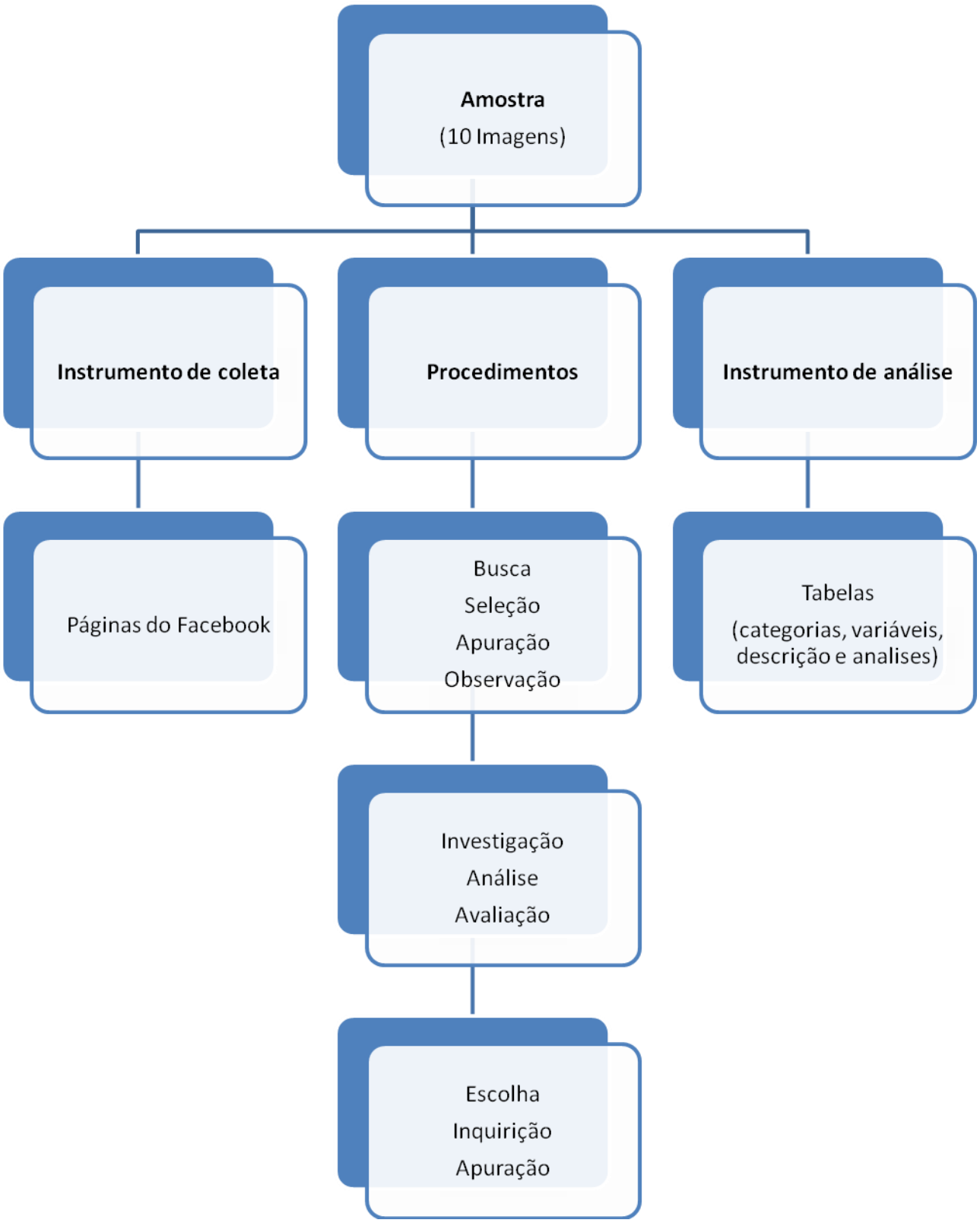


Figura 7 - Organograma da Metodologia.

6. Resultados e Discussão

Acessada em 21/07/2015:
https://www.google.com.br/search?q=guernica&biw=1440&bih=805&source=lnms&tbm=isch&sa=X&sqi=2&ved=0CAYQ_AUoAWoVChMI67K7-JztxgIVBX2QCh2IOAJJ#tbm=isch&q=guernica+colorida&imgrc=2tA4PNICEGlqzM%3A

Figura 8 - Gernika.

6.1. Vozes e Imagens.

Prevendo um tratamento na busca de sentidos daquilo que tece a história dos jovens da geração Y nas comunidades observadas do *Facebook®,* faremos um recorte das imagens coletadas. Desta forma, iremos investigar alguns elementos que cercam os interlocutores: o contexto histórico-social, o lugar de onde falam, a imagem em si e o assunto de que estão tratando, ressaltando àquelas que oferecem percepções de marcas de gênero e sexualidade em seus *posts*.

Faremos também observações em alguns *posts* em relação aos dados numéricos no que tange à curtidas e compartilhamentos registrados, por entendermos que estes números possibilitam confirmar as percepções dos jovens observados, a respeito dos conteúdos dos *posts*.

Assinalamos que as "curtidas" na linguagem *cibernética* ou "compartilhamentos", tem o sentido de confirmar um pensamento, uma proposta ou ideia apresentada, uma concordância com aquele ou aqueles que postam.

Lembrando que não pretendemos esgotar as análises e que elas fazem parte de um olhar limitado, o do pesquisador, considerando suas leituras, sua historicidade, sua dinâmica de pesquisa e tudo aquilo que faz parte de si.

Com certeza, haverão outros olhares sob outras perspectivas, o que possibilita a compreensão deste estudo por novos ângulos, enriquecendo, trazendo elementos diferenciados às indagações apresentadas: Quais as percepções e marcas em relação a gênero e sexualidades que o jovem midiatizado deixa para as gerações futuras? E qual a ligação dessas percepções com o mito de Pandora e Prometeu?

Uma verdade nunca é única quando se parte do pressuposto que tudo pode ser reinventado e modificado.

Figura 9 - NÓS SOMOS TODAS PERFEITAS!

Tabela 1 - Nós somos todas perfeitas!			
Categoria	**Variáveis**	**Descrição**	**Análise**
Beleza	Seio	Rijo, siliconado, branco, aureula rosada, mamilo pontudo.	A imagem sugere que os padrões de beleza para a geração Y encontra novas possibilidades que não aquelas padronizadas pela midia.
	Bunda	Empinada, siliconada, redonda, firme, pelos descoloridos.	
	Boca	Carnuda, vermelha, dentes	

		claros e alinhados, língua fina e uniforme.	
	Pé	Pequeno, dedos alinhados, unhas pequenas e quadradas, com pequena curvatura.	
	Cabelo	Sedosos, brilhantes e macios.	

As representações de beleza apresentadas na imagem destoa do modelo produzido pela mídia na sociedade, um corpo nunca é somente um corpo, ele faz parte de um sujeito determinado historicamente, construído também pela expressão da língua. A mídia cria o modelo de corpo ideal e de acordo com Goellner (2012) a linguagem tem o poder de definir aquilo que é considerado normal ou não, classificando -o ou nomeando-o.

O número de curtidas (23.389) e compartilhamentos (3.634) desta imagem corrobora com Goellner quando afirma que o corpo precisa ser pensado para além de sua constituição biológica, precisa ser visto e compreendido na sua relação com o tempo e com sua história.

Esse corpo real que a imagem representa e que confronta com o desejado e produzido pela mídia (o corpo de Pandora) difere do que os jovens das comunidades observadas valorizam. Um corpo natural, marcado pelo tempo, fincado por pés que caminham na direção desejada e que oferece novas possibilidades de enxergar a "perfeição".

Restaura desta forma a dignidade perdida do corpo, o corpo que não se sustenta mais pelos padrões de beleza produzidos midiaticamente. Segundo Theodoro (s. d. p.) a sociedade sistematiza o corpo e essa sistematização codifica a sociedade, sendo consideradas legítimas e morais.

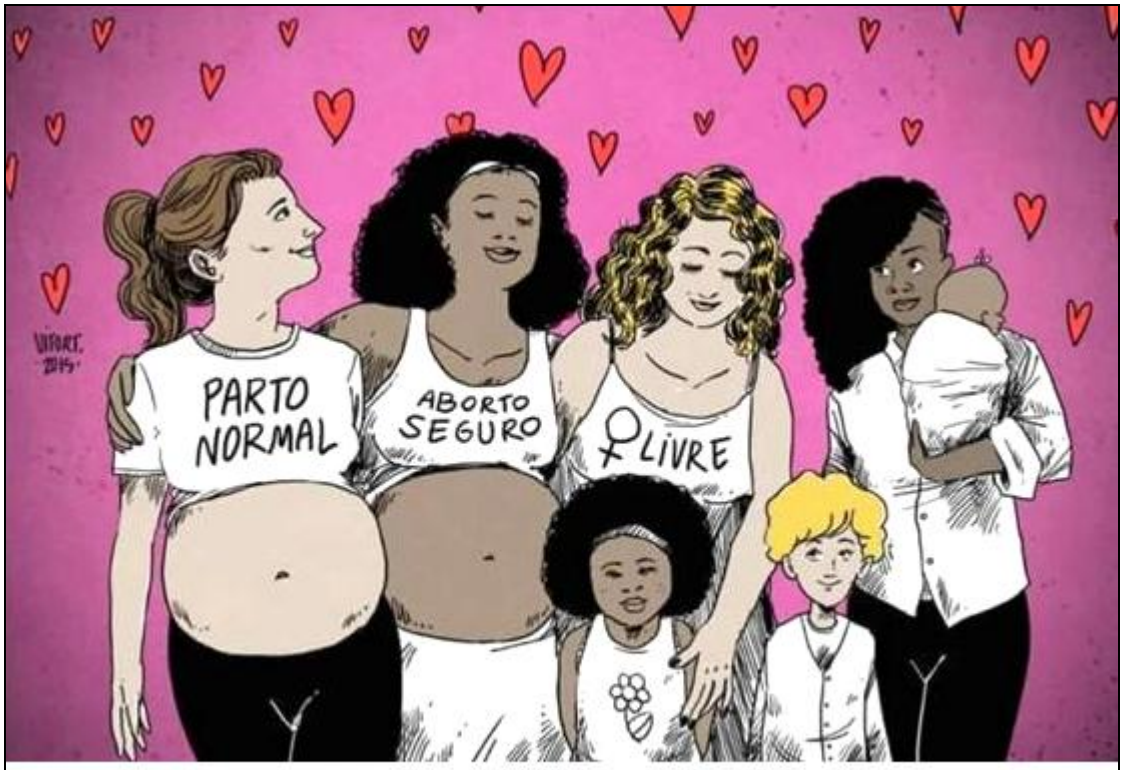


Figura 10 - Camaradagem!

Tabela 2 - Camaradagem!			
Categoria	**Variáveis**	**Descrição**	**Análise**
Beleza materna	Gravidez	Período que compreende desde a fecundação até o momento do parto, um período que compreende em torno de 40 semanas. Período com ausência de menstruação; tempo único de compartilhar a chegada de um novo ser; período de "graça".	As constituições familiares mudaram e a decisão entre gerar filhos ou não deve às escolhas individuais da mulher; cabe à ela decidir o que fazer com seu corpo, a quem e como amar.
	Maternidade	Característica biológica das	

		fêmeas, aquela que tem o poder de gerar um novo ser, no seu ventre ou através de ovos; sobrevivência da espécie; fonte doadora de vida, de energia, de beleza pura, de sentimentos de amor.	

Simone de Beauvoir (1967) analisa que a noção de parir e amamentar são colocados dentro de uma visão patriarcal como "destino biológico" da mulher, condição natural da maternidade na qual ela não tem direito a escolhas ou mudanças. Há segundo a autora, a ideia de submissão passional desta mulher que se "compraz" do cuidar da casa, dos filhos e do homem provedor.

Segundo Theodoro (s. d. p.) a Igreja Católica, ainda na sociedade moderna coloca as questões de gênero numa perspectiva extremamente patriarcal onde a dominação masculina é natural e legítima. Uma ação que legitima essa afirmação é o fato dado pela indução de mulheres estupradas a terem os seus bebês mesmo que frutos de um incesto ou estupro inclusive com trabalhos educativos e apoio financeiro.

O corpo tem o significado de vida e morte, o silêncio de um corpo expropriado começa a ganhar voz na medida em que mulheres começam a renunciar a esse papel de submissão.

Segundo Bourdieu (1999) a reprodução foi inscrita no corpo feminino, portanto o poder de reprodução e a sexualidade inscrita no corpo masculino. Mas é através do feminismo contemporâneo que essa percepção das mulheres e do gênero em grande parte do mundo Ocidental começa a mudar, assim como a concepção de grande parte das mulheres de que a heterossexualidade é a única considerada como heteronormalidade (FÁVERO, 2010).

A juventude da sociedade contemporânea não aceita passivamente a ordem imposta, é neste intercurso sexual que ao se dar voz aos jovens, se reafirma o caráter de contínuo questionamento sobre questões paradigmáticas

a respeito do direito ao aborto, à maternidade e às novas formulações familiares.

.

19.691 pessoas curtiram isso. 5.524 compartilhamentos em 12/07/2015.
www.facebook.com/564161453675848/photos/a.581594045265922.1073741839.564161453675848/823835654375092/?type=3&theater
FEMINISMO SEM DEMAGOGIA - ORIGINAL (Comunidade)

Figura 11 - Respeito ao espaço e ao corpo alheio.

Tabela 3 - Respeito ao espaço e ao corpo alheio.			
Categoria	**Variáveis**	**Descrição**	**Análise**
Respeito	Assédio	Insistência de alguém para fazer algo contra a vontade do outro; humilhação do outro; conduta abusiva; relações de poder.	Muito mais do que o domínio biológico o apelo à diferença se tornou comum, ainda que seu significado se altere nos diversos contextos, quer sejam eles sociais políticos ou culturais.
	Corpo feminino	Aquele que é dotado de órgãos sexuais que podem ser fecundados; tudo o que é relativo às mulheres; traços inerentes à feminilidade, sensibilidade, delicadeza e beleza.	

É no interior das redes de poder que as diferenças e desigualdades são reafirmadas e falar que homens e mulheres são diferentes é uma afirmação inquestionável (LOURO, 1997).

Muito mais do que o domínio biológico o apelo à diferença se tornou comum, ainda que seu significado se altere nos diversos contextos, quer sejam eles sociais, políticos ou culturais, eles existem e impregnam os espaços que sejam eles privados ou públicos.

A presença da herança do Ocidente moderno está organizada por duas vias: uma é a luta para romper com essa herança, que ainda mantém a sexualidade no campo da produção dos discursos; a outra é o predomínio da revelação quando se fala da sexualidade, entendendo-a como intimamente ligada à identidade dos sujeitos. Em ambos os casos, o que se busca é a produção e/ou confissão da verdade, o que traz à tona a relação com o poder.

A intimidade sexual de cada indivíduo está intimamente ligada ao respeito que se tem pelo próprio corpo e com o do outro, trazendo em si uma

força de mudança que seduz e que são possibilidades reais. Essa intimidade pode ser opressiva quando não respeitada, quando violentada.

A maneira como o corpo se movimenta nos espaços urbanos e da vida cotidiana submetem- no à coação da "propriedade privada do solo urbano, traz em se âmago aquilo que nega essa situação. Portanto o corpo se abre para o vivido no seio de uma prática que é socioespacial" (CARLOS, 2014, p. 474).

Esta prática, muitas vezes caminha na direção da exploração sexual, mera mercadoria como demonstram os cartazes que dominam a paisagem urbana contemporânea e o *post* analisado.

> O mundo vem camuflar as frustrações; os exemplos são notórios: os BBB estimulam e realizam o voyeurismo, simulando a participação do público nas decisões de quem fica ou sai do programa, 6 enquanto o Facebook propõe a “celebrização” de indivíduos absolutamente normais, num glamour e importância forjados pela postagem de cenas banais compartilhadas por um conjunto de “seguidores” – uma forma adequada de adjetivar uma relação social marcada pelo vazio (Carlos, 2014, p. 484).

A degradação do ser humano acontece diariamente na falta de respeito, na privação dos direitos humanos, na condição subalterna de uma sociedade que reproduz mecanicamente e amplia as condições de privação, resultado da fragmentação do processo social, de sua totalidade.

De acordo com Carlos (2014, p. 484). "ao ser destituído dessa totalidade, o indivíduo dela se perde, e a prática socioespacial segregada repõe, constantemente, a negação do humano e da cidade".

O jovem reelabora constantemente esses espaços na cidade na medida em que o reocupa como espaços-tempos de resistência e luta na tentativa de modifica- lós.

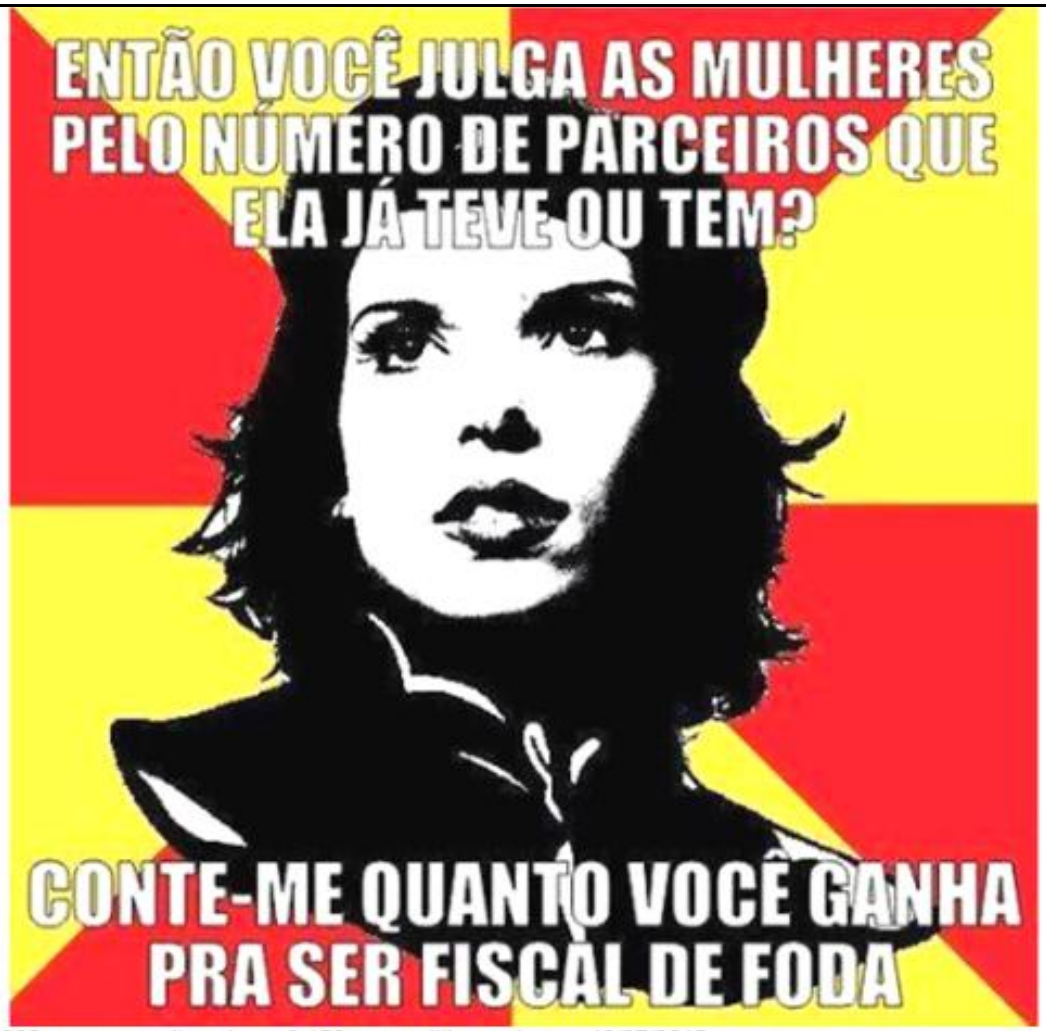


Figura 12 - Che Brazuca.

Tabela 4 - Che Brazuca.			
Categoria	**Variáveis**	**Descrição**	**Análise**
Equidade	Liberdade	Direito de agir de acordo com sua própria vontade sem ferir o outro; independência; espontaneidade, sensação de poder ser o que se deseja.	Os desejos, os sentimentos, enfim, os componentes da sexualidade representam a nossa maior liberdade e talvez por isso estejam sempre no campo dos segredos, entendidos como nossas maiores **riquezas, escondidas a sete chaves** (FERRARI, 2004, p. 108)
	Preconceito	Juízo pré-concebido, se manifesta em atitudes discriminatórias perante pessoas, crenças, sentimentos e tendências de comportamento. É uma ideia formada antecipadamente e que não tem fundamento sério	
	Mudança	Transformação ou alteração de um estado/situação a outro (a)	

Nossa sociedade vem se constituindo desde a modernidade com um caráter aberto, reflexivo, de auto- identidade, o que reforça a luta pela identidade de grupos marginalizados cujas nomenclaturas vêm revestidas de preconceito.

A intimidade sempre foi pensada como reveladora da identidade e consequentemente de sexualidade.

> Os desejos, os sentimentos, enfim, os componentes da sexualidade representam nossa maior liberdade e talvez por isso estejam sempre no campo dos segredos representam a nossa maior liberdade e talvez por isso estejam sempre no

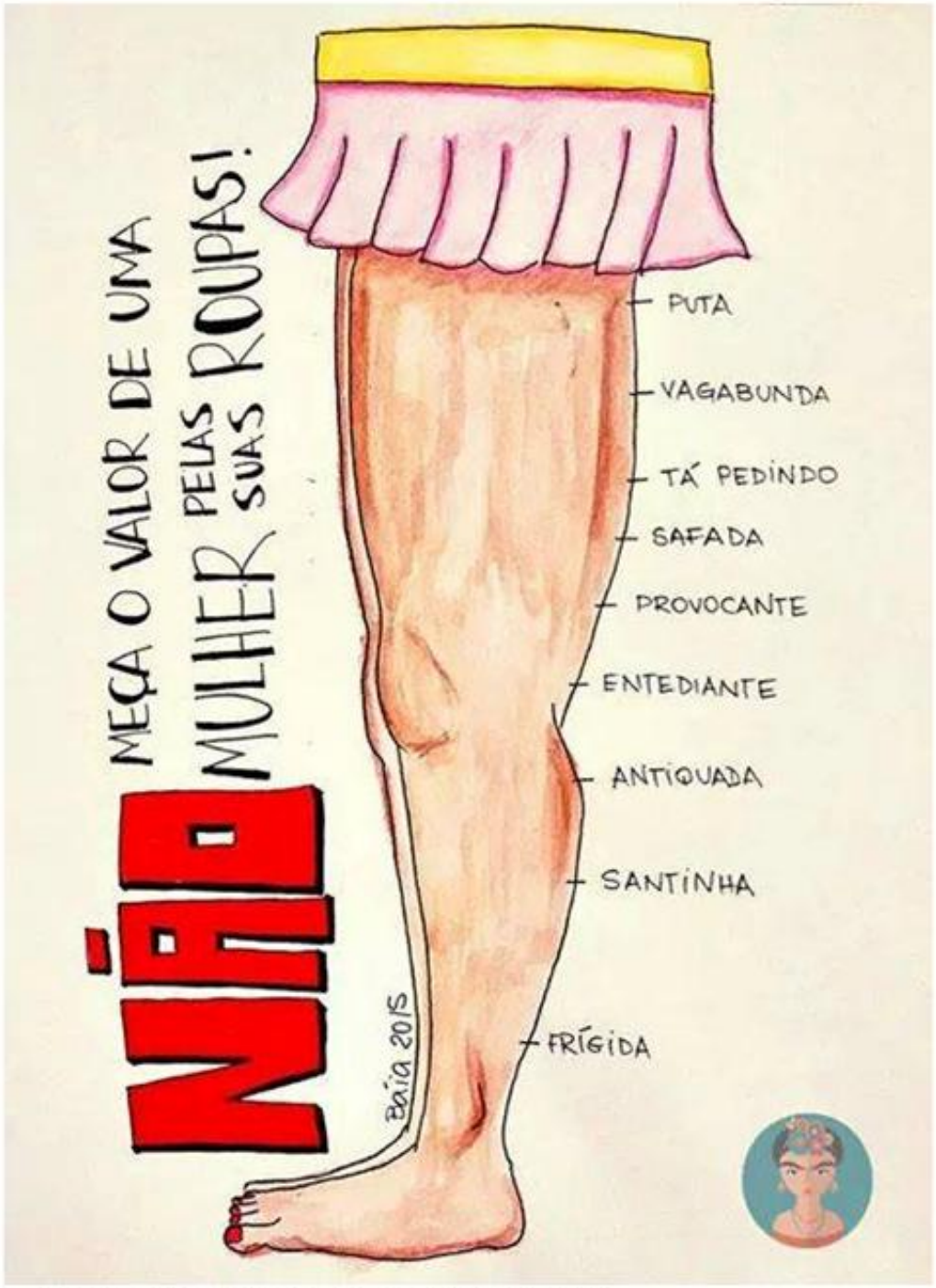
> campo dos segredos, entendidos como nossas maiores riquezas, escondidas a sete chaves (FERRARI, 2004, p. 108).

Com o aparecimento dos movimentos *gays* no Brasil, houve uma mudança na visualização da homossexualidade, refletindo para o indivíduo sua contribuição para reforçar a compreensão da "sexualidade como propriedade do eu, que pode ser vivida, descoberta, revelada, escondida, interrogada, desenvolvida, enfim, controlada" (FERRARI, 2014, p. 108).

A identidade não é algo pronto e acabado, Arendt (2007) e Foucault (1988) defendem que ela está em constante mudança e realiza-se nos diferentes espaços públicos, nos quais os sujeitos caminham, fazem seus negócios, num ir e vir de relações.

Por isso questionar a identidade e a intimidade sexual, os desejos, os componentes da sexualidade dessas identidades representa uma invasão de privacidade, da própria liberdade do sujeito.

Ao questionar os discursos produzidos pela sociedade em relação às práticas homoeróticas, o jovem questiona as relações de poder que se encontram postas na sociedade. A intimidade de cada um só diz respeito ao próprio indivíduo e cabe a ele discuti-la revela-la ou manter em segredo.



17.948 pessoas curtiram isso. 14.985 compartilhamentos em 12/07/2015.
www.facebook.com/564161453675848/photos/a.581594045265922.1073741839.564161453675848/808368429255148/?type=3&theater
FEMINISMO SEM DEMAGOGIA - ORIGINAL (Comunidade)

Figura 13 - Não me kahlo.

Tabela 5 - Não me kahlo.			
Categoria	**Variáveis**	**Descrição**	**Análise**
Preconceito	Respeito	Demonstra um sentimento positivo por uma pessoa ou para uma entidade (como uma nação, uma religião, etc.) e também ações especificas e condutas representativas daquela estima	O corpo é um órgão de pura expressão, não necessariamente masculino ou feminino; é um meio de manifestação e comunicação.
	Mudança	Transformação ou alteração de um estado/situação a outro (a)	
	Liberdade	Direito de agir de acordo com sua própria vontade sem ferir o outro; independência; espontaneidade, sensação de poder ser o que se deseja.	

O corpo vive através do movimento e da linguagem, que reflete o que nele existe. Isso equivale dizer que produzem também conceitos ou pré-conceitos sobre a forma de como ele é exposto, mas a forma dessa exposição não deve representar a única leitura a ser feita, o que geralmente acontece é a determinação pela sociedade do modelo de corpo que deve ser exibido. A exposição permitida deve expressar os cânones de beleza de cada época, de cada sociedade.

Segundo Prost (1995) a exposição do corpo expressa sua liberação após séculos de negação do prazer e silêncio sustentados pela rigidez disciplinar, de uma moral religiosa que se preocupa em dar um novo significado cercado por punições e mecanismos de controle.

O *post*, coloca um corpo "para o outro" onde se destaca que a análise da imagem reflete o quanto a sociedade contemporânea é imagética e que representam mais que um discurso, mas produzem práticas sociais (BOURDIEU, 1999).

A legenda do *post "*Não me kahlo" possibilita constituir-se em uma das formas de colocar em evidência o preconceito, os saberes que circulam na mídia e nos discursos sociais determinando os valores e os modelos de representações de corpo em função dos paradigmas de gênero que o compõe.

O corpo feminino considerado como proibido, transforma-se em uma ameaça responsável, segundo o discurso da tradição judaico-cristã, pelos pecados do mundo; assim como Pandora, na mitologia grega, responsável por todos os males que assolam a humanidade; que traçam o marco entre sua definição de santa ou prostituta (THEODORO, s. d. p.)

Figura 14 - O homem ideal.

Tabela 6 - O homem ideal.			
Categoria	**Variáveis**	**Descrição**	**Análise**
Homofobia	Preconceito	Juízo pré-concebido, se manifesta em atitudes discriminatórias perante pessoas, crenças, sentimentos e tendências de comportamento. É uma ideia formada antecipadamente e que não tem fundamento sério	Na sociedade Ocidental, linguagens e acessórios culturais adquirem sentidos diferentes com mulheres e homens, mas, desde muito cedo vamos sendo apresentados a comportamentos e símbolos que vão construindo nossos contornos sexuais sendo por nós reivindicados e usados para nos separar entre homens e mulheres, como se fossem as únicas possibilidades de existir.
	Gênero	Gênero pode significar principalmente a diferença entre os homens e as mulheres. Pode ser usado como sinônimo de sexo e também na referencia as diferenças sociais.	
	Machismo	Atitude ou comportamento de quem não admite a igualdade entre homens e mulheres, contrário de feminismo.	

Na sociedade Ocidental, linguagens e acessórios culturais adquirem sentidos diferentes com mulheres e homens, mas, desde muito cedo são apresentados a comportamentos e símbolos que vão construindo os contornos sexuais sendo reivindicados e usados para separar homens e mulheres, como se fossem as únicas possibilidades de existir.

Segundo Ferrari (2004, p. 113)

> A presença da herança do Ocidente moderno está organizada por duas vias: uma é a luta para romper com essa herança, que ainda mantém a sexualidade no campo da produção dos discursos; a outra é o predomínio da revelação quando se fala da sexualidade, entendendo-a como intimamente ligada à identidade dos sujeitos. Em ambos os casos, o que se busca é a produção e/ou confissão da verdade, o que traz à tona a relação com o poder.

O que se aprende sobre a história da sexualidade revela que ela é mutável, modelada sob situações históricas complexas e no momento que se entra no período pós- moderno, se depara com novas mudanças no modo de se relacionar com o corpo e com suas necessidades sexuais (LOURO, 2000).

Em contrapartida, a sexualidade, através do movimento feminista e do movimento gay sai em busca de uma produção diferenciada sobre "a economia do poder" relacionada a restaurar o prazer, como ressalta Foucault (1988) na busca de uma leitura dessa relação entre repressão e resistência.

Os espaços de sociabilidade e vivências daqueles que estão à margem como gays, lésbicas, homossexuais, trans ..., foram articulados distantes das famílias, como espaços de lucro e hoje vêm ganhando credibilidade como espaços de conhecimento, lutando para romper com a herança Ocidental Moderna (FERRARI, 2004).

Para Foucault (1988) quando as discussões sobre sexo são ligadas à produção do conhecimento, ao direito de falar, associam- se à liberdade e aproxima- se da teoria da emancipação.

Desta forma, o movimento gay, trabalha com esta liberdade futura como possibilidade que será construída cada vez mais forte usando também os espaços de interatividade das redes sociais.

Figura 15 - Essa página arrasa demais.

Tabela 7 - Essa página arrasa demais.			
Categoria	**Variáveis**	**Descrição**	**Análise**
Sociedade patriarcal	Gênero	Gênero pode significar principalmente a diferença entre os homens e as mulheres. Pode ser usado como sinônimo de sexo e também na referencia as diferenças sociais.	É clara a diferença de gênero estabelecida historicamente ao longo dos séculos. Ainda hoje, a mulher se depara com uma forte discriminação em relação ao que pode ou não fazer e que foi determinado pela sociedade patriarcal há séculos.

O patriarcado vigente no Brasil durante séculos, resistiu durante todo o século XX e disfarçadamente ou escancarado retoma pelo século XXI com nova alegoria, a desigualdade de gênero. Beauvoir (1967) reforça a ideia de uma mulher submissa, sem voz, pronta para parir e gerar.

Essa figura com uma nova roupagem não muda as bases fundadas pelo homem, ele pode, ela obedece. A imagem, isenta de feições, confirma no discurso esse homem "do poder". Mais de 50.000 pessoas curtiram a postagem e mais de 18.000 compartilharam reafirmando que a linguagem escrita delimita os espaços de poder do homem, marca o território expandido a que tem direito enquanto priva a mulher dos mesmos espaços demarcando a discriminação de gênero. Um pode e o outro não. Prometeu detinha em seu poder o fogo dado de presente ao homem e que o tornava uma criatura superior às demais criaturas da Terra, a mulher vem depois, submissa ao homem, sob o jugo de seu poder. Ela é dupla, carrega em seu ventre o poder de gerar, mas só pode fazer isso com o poder do homem (VERNANT, 2000). É deste lugar de submissão que a mulher luta para sair, quando denuncia a

violência, quando não se cala, quando, em pequenos atos compartilha a indignação do jugo relacionado ao gênero.

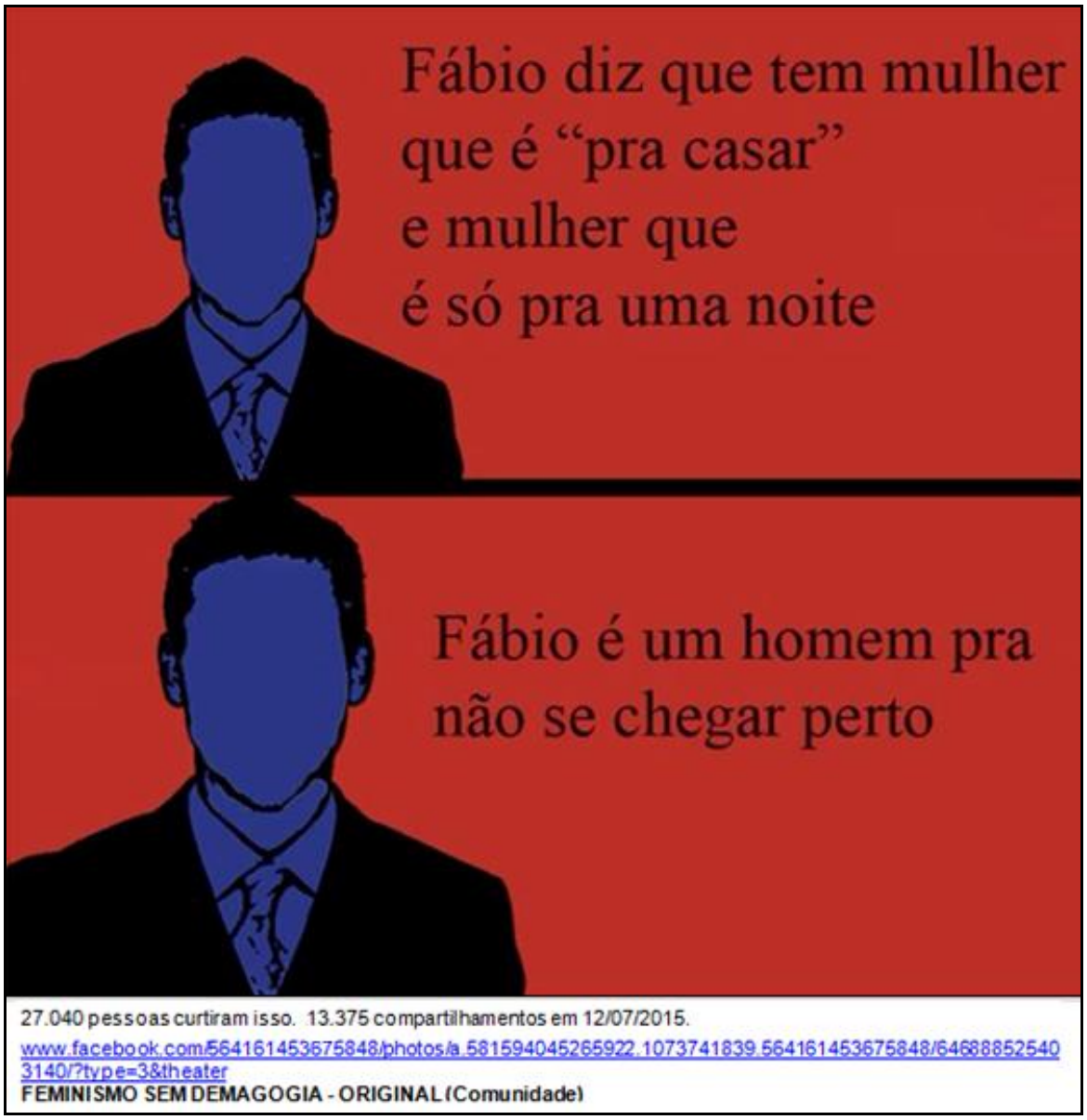


Figura 16 - Este é um machista 01.

Tabela 8 - Este é um machista 1.			
Categoria	**Variáveis**	**Descrição**	**Análise**
Machismo	Preconceito	Juízo pré-concebido, se manifesta em atitudes discriminatórias perante pessoas, crenças, sentimentos e tendências de comportamento. É uma ideia formada antecipadamente e que não tem fundamento sério.	As interações sociais foram construídas dentro do patriarcado e suas consequências são ainda vividas no cotidiano da sociedade Ocidental, mantendo-se o predomínio masculino, dificultando para a mulher qualquer ação que seja considerada transgressão desses códigos.
	Gênero	Gênero pode significar principalmente a diferença entre os homens e as mulheres. Pode ser usado como sinônimo de sexo e também na referencia as diferenças sociais.	
	Respeito	Demonstra um sentimento positivo por uma pessoa ou para uma entidade (como uma nação, uma religião, etc.) e também ações especificas e condutas representativas daquela estima.	

A questão apresentada traz uma das percepções e pensamento de jovens que admitem as desigualdades de gênero, do ponto de vista do poder e do *status* social, mas pensam essas relações sob a ética da violência contra as

mulheres mesmo que muitas vezes desconheçam sua base histórica. Fávero (2010, p. 76) analisa a naturalização da mulher como base de todos os raciocínios circulares "que durante séculos procuraram, por meio do argumento da 'causa natural', fundamentar uma suposta inferioridade feminina em oposição a uma suposta superioridade masculina" na tentativa de justificar as práticas culturais, dentre elas a questão da subordinação da mulher ao homem.

Del Priore (1993) se utiliza do termo "adestramento" quando se refere ao processo pelo qual passaram as mulheres coloniais, com a utilização de dois instrumentos poderosos estabelecido na sociedade: um era o discurso religioso e o outro, o discurso normativo médico que defendia que a função do corpo da mulher era a procriação e que tudo o que acontecia fora do leito nupcial e da maternidade levava a sua condenação e exclusão. Assim ela se tornava promíscua "só para uma noite", corroborando com o *post*.

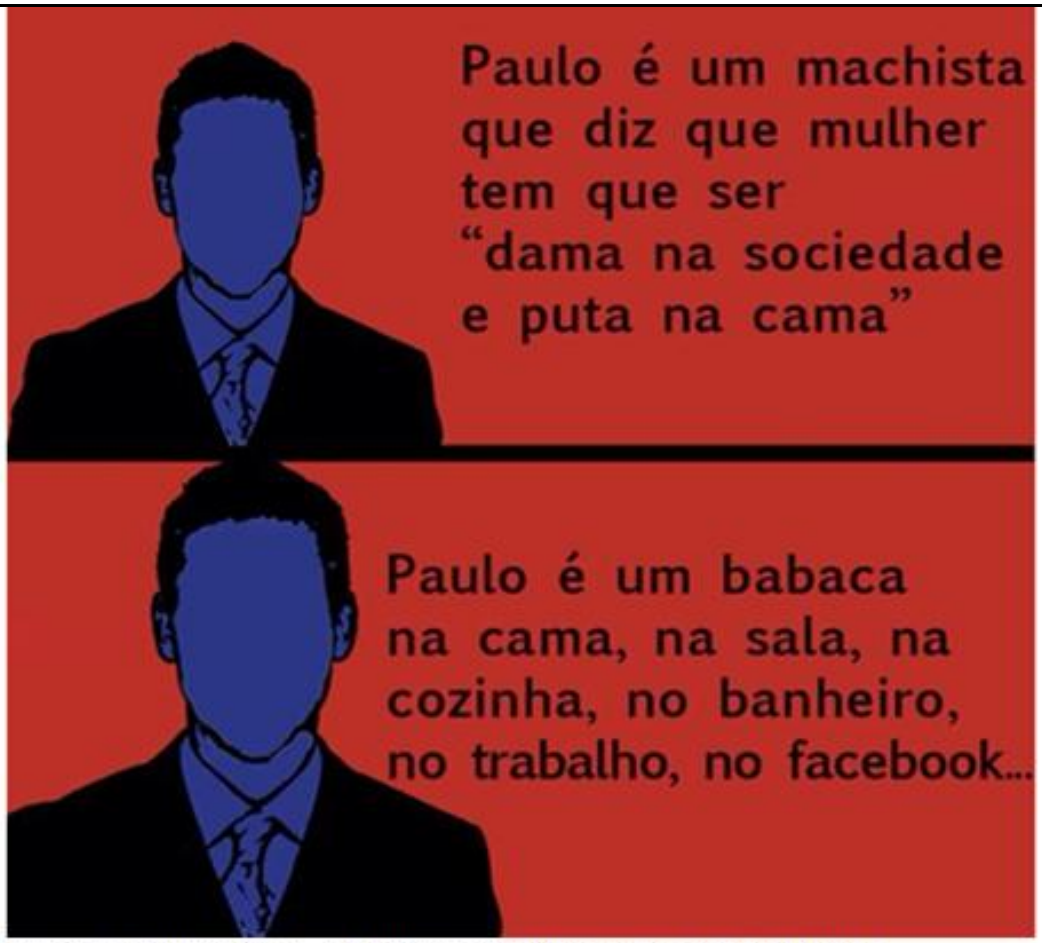
Todo esse discurso perdurou por séculos e é através dele que se tenta legitimar ainda hoje a fala do Fábio (*post*).

O conhecimento de tais fatos nos auxilia a compreender a origem de certas concepções presente nas falas cotidianas sem que se pense sobre as mesmas, levando a crer que é assim que deve ser. Fávero (2010) ratifica a ideia de que esse pensamento perdura entre alguns homens e também algumas mulheres na sociedade atual, de que o ato sexual com a esposa deve ser diferente do ato sexual fora do matrimônio, pois a esposa não deve permitir determinadas "liberdades" para não ser considerada promíscua ou leviana.

O casamento como disciplinador da sexualidade insiste em manter determinadas normas sobre a prática sexual sob a égide do "pecado", discurso ainda mantido pela Igreja.

Para Fávero (2010) o círculo vicioso que se estabelece neste discurso tende a sustentar a ideia da desigualdade de gêneros sem nenhuma reflexão a respeito, colocando sempre duas categorias opostas: a do homem e a da mulher (Prometeu e Pandora) generalização que tem sido discutida fartamente pela Antropologia, pela Sociologia e pela Psicologia Social de Gênero.

Neste *post,* houve 13.375 compartilhamentos entre os sujeitos e 27.040 curtidas, o que demonstra a relevância do conteúdo para os jovens que entram nestas comunidades gerando um maior engajamento e afinidade entre eles.



13.247 pessoas curtiram isso. 10.150 compartilhamentos em 12/07/2015.
www.facebook.com/564161453675848/photos/a.581594045265922.1073741839.564161453675848/645399155552077/?type=3&theater
FEMINISMO SEM DEMAGOGIA - ORIGINAL (Comunidade)

Figura 17 - Este é um machista 02.

Tabela 9 - Este é um machista 02.			
Categoria	**Variáveis**	**Descrição**	**Análise**
Machismo	Preconceito	Juízo pré-concebido, se manifesta em atitudes discriminatórias perante pessoas, crenças, sentimentos e tendências de comportamento. É uma ideia formada antecipadamente e que não tem fundamento sério	A postura de uma mulher oprimida em pleno século XXI, não trás inovações para o jovem da geração Y, que critica esse "homem alfa" como ultrapassado.
	Genero	Gênero pode significar principalmente a diferença entre os homens e as mulheres. Pode ser usado como sinônimo de sexo e também na referencia as diferenças sociais	
	Sexualidade	Termo relativo, pessoal e muitas vezes paradoxal. Pode-se dizer que é traço mais íntimo do ser humano e como tal, se manifesta diferentemente em cada indivíduo de acordo com a realidade e as experiências vivenciadas pelo mesmo. Pode ser experimentada e expressada através de	

		pensamentos, de ações, de desejos e de fantasias.	

Ao abordar a relação entre o gênero e sexualidades, as pesquisas realizadas com homens e mulheres heterossexuais demonstram que há diferenças em relação às expectativas entre eles quanto às intenções sexuais. O homem, em sua grande maioria é mais preocupado e mais interessado em sexo do que a mulher e isto está intimamente relacionado com a raiz da cultura Ocidental (FÁVERO, 2010).

Ainda persevera a concepção de que os homens, pelo "simples fato de terem nascido do sexo masculino, já devem saber como se portar numa relação sexual e como satisfazer sua parceira, já que esta é uma tarefa a eles atribuída" (FÁVERO, 2010, p. 365). Isso significa que para grande parte das mulheres ainda prevalece uma concepção machista de sexualidade.

Atualmente, por interferência da ótica feminista, as publicações sobre a sexualidade humana defendem a tese, relacionada coma análise Foucaultiana, de que "o nosso meio sociocultural é ideologicamente heterossexual, o que mantém, por implicação a ideia de homens e mulheres como duas grandes categorias separadas" (FÁVERO, 2010, p. 211).

O preconceito pode ser individual ou social, "o homem pode estar tão cheio de preconceitos em relação à outra pessoa ou instituição concreta que não lhe faça absolutamente falta à fonte social do conteúdo ou preconceito" (HELLER, 2011, p. 71).

Esses preconceitos podem ser esteriotipados ou não, e suas características em relação a eles estão agregadas aos sistemas de preconceitos sociais. Heller (2011, p. 72) afirma que "os preconceitos servem para consolidar e manter a estabilidade e a coesão da integração dada".

A libertação dos preconceitos, em especial, de gênero e de como cada um vive suas sexualidades depende, segundo Heller (2011) de colocar em cheque as convicções individuais do erro.

Foram séculos de inferiorização e subordinação aos homens, as mulheres foram diferenciadas por uma visão religiosa que as identificavam como sub produtos dos homens, vivendo até os dias atuais o poder dessa submissão. (THEODORO, s. d. p.).

26.128 pessoas curtiram isso. 14.974 compartilhamentos em 12/07/2015.
www.facebook.com/564161453675848/photos/a.581594045265922.1073741839.564161453675848/722705151154810/?type=3&theater
FEMINISMO SEM DEMAGOGIA - ORIGINAL (Comunidade)

Figura 18 - Este é um machista 03.

Tabela 10 - Este é um machista 03.			
Categoria	**Variáveis**	**Descrição**	**Análise**
Preconceito	Machismo	Atitude ou comportamento de quem não admite a igualdade entre homens e mulheres, contrário de feminismo.	À fêmea dotada de um aparelho reprodutor próprio para gerar uma nova vida não é permitido escolhas, cabe a ela parir em quaisquer circunstâncias.
	Gênero	Gênero pode significar principalmente a diferença entre os homens e as mulheres. Pode ser usado como sinônimo de sexo e também na referencia as diferenças sociais	
	Respeito	Demonstra um sentimento positivo por uma pessoa ou para uma entidade (como uma nação, uma religião, etc) e também ações especificas e condutas representativas daquela estima	

Ainda hoje, segundo Fávero (2010, p. 51) "dizer que uma mulher é seca, significa que é estéril, fria ou incapaz de dar carinho e, assim por diante, tendo um sentido negativo", quanto ao homem, se ele é seco ele é considerado sério, muitas vezes, inclusive, alia-se isso com profissionalismo e competência. A construção de um patriarcado vinculado ao mito do amor materno, não é por acaso, pois se associa a esse mito o sentimento de culpa.

A mulher é responsável por seus rebentos e por tudo o que diz respeito a eles e se algo de negativo acontecer a responsabilidade é inteiramente da

mãe, a ela cabe a função de definir na menina as características femininas que possam satisfazer um homem.

O fato, portanto, de uma mulher negar a possibilidade da maternidade a coloca, efetivamente, na manutenção de um discurso conservador "de que ela não está cumprindo seu papel".

De acordo com Theodoro (s. d. p.) a mulher é reinserida na maternidade através do discurso judaico- cristão do lugar mítico da Virgem Maria, mãe amorosa, sofredora e pura. Desta forma a sexualidade é justificada com a finalidade de procriação. Seu ideal, deve ser o da procriação com uma sexualidade domesticada, companheira e boa administradora do lar. Seu corpo deve apresentar sua identidade sexual, reduzida ao espaço da maternidade e tudo e essa negação a priva da outorgação da sociedade.

A geração Y das redes sociais observadas demonstram através de suas comunicações e interações a busca de emancipação por parte das mulheres da reconstrução de suas representações sociais em relação à sexualidade feminina e seu poder de decisão entre acolher ou não a maternidade como escolha para sua vida

7. Considerações finais.

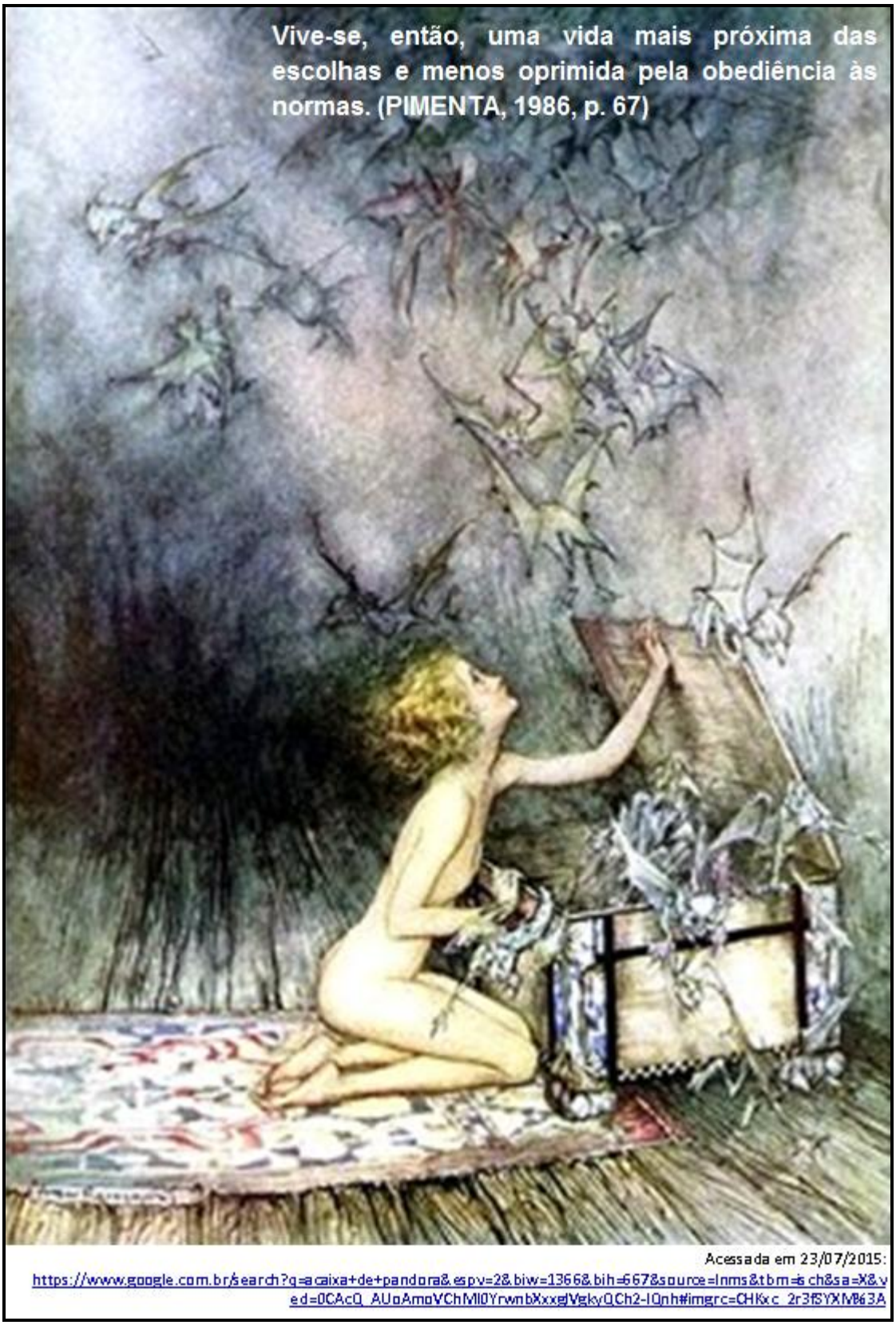


Figura 19 - Caixa de Pandora.

7.1. A caixa se abre.

Enfim ... é chegado o momento apresentar as considerações finais deste estudo, face aos objetivos propostos. No decorrer do trabalho foram muitas as indagações e as "desorientações", um percurso não linear; entretanto partindo do discurso histórico proposto, pretendemos ligar os pontos que teciam esta grande colcha de retalhos guardada na caixa.

A ideia é que ao abrir ela possa proporcionar provocações, curiosidade e contribuições para novos e críticos olhares que possam se entusiasmar e desta forma continuar tecendo ou desconstruir, ponto a ponto o que ora foi tecido.

Esta geração tecnologicamente preparada, inquieta a sociedade e transita entre o singular e o plural, e se une em comunidades. Esses jovens da geração Y, conseguem, por mais estranho que isso pareça à geração daqueles que hoje têm acima de 40 anos, interagir simultaneamente em vários espaços e tempos diferentes. Geração globalizada de grande semelhança entre eles.

Tapscott (2010) é otimista no que tange aos jovens dessa geração. De acordo com o autor eles são criativos, possuem maior versatilidade e maior domínio no mercado de consumo, reconhecem o que querem com maior facilidade e solicitam a participação na montagem dos produtos que desejam consumir. São exigentes quanto à qualidade e o *designer.*

As informações são procuradas em tempo real por meios virtuais e as respostas precisam ser imediatas. Negociam , reclamam, recebem, devolvem e exigem cada vez do mercado. Dentro das redes sociais, trocam ideias rápidas, firmam parcerias e se unem.

Conseguem permanecer horas conectados em rede e pouco tempo conversando *off-line.*

A rede está configurada como um mundo de possibilidades que cria maneiras diferentes de socialização, comunicação e interação. Neste universo digital não há limites delineados, não há linearidade, não há materialidade concreta, não há possibilidades de calar a voz.

As tecnologias são veículos poderosos que permitem a exploração de incontáveis caminhos de si mesmo ultrapassando o tempo e as imposições históricas. A mudança é real. Todas as ações realizadas em consonância com

as comunidades virtuais em que o sujeito tenha o sentimento de pertença demonstram este fenômeno, não há retorno no tempo que possa delimitar a proporção que estas marcas alcançarão.

Cada vez mais fazemos parte de um inconsciente tecnológico, nele, tudo é possível, a mobilidade se transforma ao infinito, o tempo e o espaço se encontram ao nosso alcance.

Nos discursos imagéticos demonstram a fugacidade nas comunicações, reivindicam, se organizam e se expressam de forma livre e muitas vezes inconsequentes.

São filhos de uma geração amedrontada com a violência urbana, que pagam as contas de uma corrupção deslavada que assola o país e que enfrentam o caos no mercado de trabalho, na saúde e na educação. Filhos que precisaram (a maioria sem outras opções) se acomodar nos quartos dos apartamentos, na diversão dos jogos eletrônicos e nas conversas virtuais a não presença dos pais. Com isso criaram possibilidades de interação, de uma não solidão.É uma geração mais informada em assuntos que dizem respeito a seus interesses e em redes de comunicação virtual são autodidatas.

As instituições reguladoras que controlam a geração de seus pais exercem pouca ou nenhuma influência sobre eles. De acordo com Moioli (2013) o jovem desta geração é um sujeito com solicitações de grupo mas que age em consonância com o coletivo.

Esses deslocamentos interativos, muito mais virtuais (ou seriam reais?) são fundamentais na construção de um novo sujeito histórico- social cujas marcas já estão presentes na geração do século XXI.

A intensidade com que se comunica nas redes sociais facilita esses deslocamentos possibilitando o contato com pessoas de qualquer lugar do planeta. As interações são intensas e passageiras.

As percepções de justiça e igualdade ultrapassam os limites das paredes do quarto, e na noite se solidarizam em guetos. Nos grupos se sentem fortes e empoderados podendo fazer "justiça com as próprias mãos"

Nas relações afetivas tentam buscar novas possibilidades e nas redes sociais das comunidades observadas são críticos e se mostram indignados, em especial com postagens que demonstram preconceito de etnia, gênero ou a forma como vivem suas sexualidades. Para eles, não há possibilidade de não

aceitar o fato de que os homossexuais, os bissexuais, as transexuais fazem parte da sociedade e que estão em busca contínua de igualdade de diretos, de respeito, de não viver segregado de construir uma relação livre com os outros e com eles mesmos.

Com a evolução do movimento feminista, o crescente número de simpatizantes dos movimentos em prol dos direitos civis de igualdade de gênero e a abertura inconteste dos meios de comunicação a ordem é não padronizar.

Neste percurso o jovem da geração Y grafa suas marcas em relação a gênero e sexualidades como uma geração de múltiplas interações, de vínculos afetivos passageiros e intensos, busca incessante de viver bem o presente. O futuro não aparenta ser algo preocupante e seus estados emocionais podem variar da euforia à sensação de solidão em fração de segundos.

Vivem a abertura sexual com liberdade dentro das comunidades virtuais e ousam em seus relacionamentos numa exposição mais presente nas ruas e demais espaços públicos.

Transformam os corpos em suporte das suas representações subjetivas de prazer fazendo uso de aparatos tecnológicos: corpo siliconado, corpo "bombado", corpo *ciborgue*, corpo máquina...; espaço de experimentações diversas: *piercing*s, tatuagens, flagelações, mutilações e reconstruções. "Um corpo que ao mesmo tempo em que é único revelador de um eu próprio, é também um corpo partilhado porque é semelhante, similar a uma intimidade de outros, produzidos neste tempo e nesta cultura" (GOELLNER, 2012, p. 40).

Assim como uma fotografia, enquanto objeto material de papel comporta de fato a imagem (ex: uma mulher não é a mãe nem para o bebê que chora, nem para o pai que precisa de auxílio para cuidar do bebê) o corpo físico é um suporte para todo e qualquer gênero que existe ou possa existir, o que vemos é o que é possível interpretar em nossa mente, no nosso sistema nervoso central.

Todo o gênero seja ele qual for, está virtualmente presente no ventre do sexo feminino. A possibilidade do gênero é uma fonte indefinida de possibilidades, assim como "o virtual é uma fonte indefinida de atualizações" (LÉVY, 1999, p. 50).

Nesta premissa todo indivíduo deveria se sentir livre para exercer suas sexualidades e fazer suas escolhas em relação a gênero sem que isso pudesse aparentar "desvios", anormalidades ou causar estranhamento. É preciso reconhecer contudo, que a Instituição escola (instituição onde crianças e jovens passam grande parte de suas vidas) cria mecanismos internos e externos para resguardar o recebimento das crianças e jovens e nela cria mecanismos legais e morais para que eles possam nela permanecer

Desta forma, os corpos devem aparentar marcas visíveis do processo de imposição pelos quais passam dentro das escolas e ao apresentarem estas marcas são valorados pela sociedade vigente que acabam por tomá-las como referência dos padrões de "normalidade" para todos.

Todo corpo escolarizado é treinado em silêncio para exercer o papel aceito com padrão- normal dentro da sociedade e essas "práticas e linguagens constituíam e constituem sujeitos femininos e masculinos e são produtoras de "marcas" (LOURO, 2003, p.16). Tudo aquilo que sai desta marca de padronização desperta rejeição o que dificulta a vida de crianças e jovens que se percebem com interesses ou desejos diferentes da norma heterossexual.

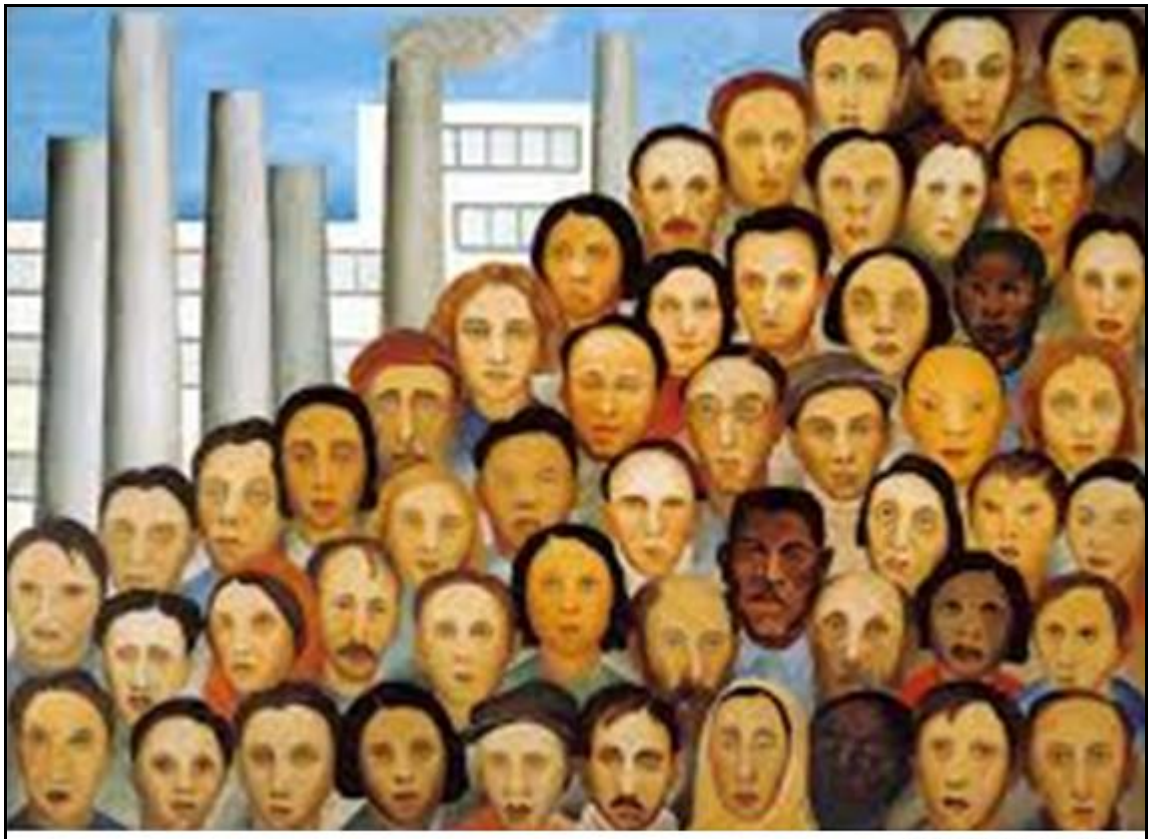
O lugar que deveria ser do conhecimento, Instituição- escola, segundo Louro (2003) permanece em relação à sexualidade como local de desconhecimento e de ignorância.

O legado do mito de Pandora e da ciência social que se debruça sobre a estrutura dos preconceitos da história da sexualidade e que procura inverter a masculinização do passado do serviço dos interesses patriarcais, demonstra que ainda precisamos deveras, caminhar, na busca incessante de compreender o corpo e as marcas desta geração, em corpos nem femininos, nem masculinos, nem dominados, e tampouco subjugados, nem pecadores, nem santos, mas humanos.

Humanos marcados pela singularidade de suas expressões, libertos da caixa, como agora abrimos, para a esperança, o que ficou na caixa de Pandora.

A indagação que desperta após este estudo não diz respeito a aceitar ou não o que está posto, mas uma reflexão sobre como estão sendo construídos os discursos dessas diferenças e até quando conseguiremos manter a esperança dentro de nós

8. Referências Bibliográficas



Acessada em 16/07/2015:
https://www.google.com.br/search?q=tarsila+do+amaral+abaporu&biw=1440&bih=799&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAYQ_AUoAWoVChMIoLG6pePfxgIVComQCh1jqQSZ#imgrc=zxpuFZjSXSVI-M%3A

Figura 20 - Operários.

8.1. Referências

ABREU, M. Meninas Perdidas. In: PRIORI, M. D. **Histórias das crianças no Brasil.** São Paulo: Editora Contexto, 1999. p. 289-316.

ADORNO, T. L. W. **Educação e Emancipação.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ALEXANDRINO, R. **A suposta homossexualidade.** Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

ALMEIDA, M. I. M.; EUGENIO, F. **O espaço real e o acúmulo que significa:** uma nova gramática para se pensar o uso jovem da internet no Brasil. In: NICOLACI-DA-COSTA, A. M. (Org.) Cabeças Digitais: O cotidiano na era da informação. Edições Loyola, 2006.

ANDERY, M. A.; MICHELATTO, N. M.; SÉRIOR, T. M. P.; RUBANO, D. R.; MOROZ, M.; PEREIRA, M. E. **Para compreender a ciência:** uma perspectiva histórica. São Paulo: EDUC, 2012.

ARENDT, H. **A condição humana.** Tradução: Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

ARIÈS, P. Reflexões sobre a história da homossexualidade. In: ARIÈS, P.; BÉJIN, A. (Orgs.). **Sexualidades Ocidentais.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

AUGÉ, M. **Não lugares.** Introdução uma antropologia da Supermodernidade. São Paulo: Papirus, 1994.

BADINTER, E. **Um amor conquistado:** o mito do amor materno. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. II A experiência vivida . Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: 1967. Disponível em: http://brasil.indymedia.org/media/2008/01/409680.pdf. Acesso em: 25 março de 2015.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** introdução aos parâmetros curriculares nacionais/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BULFINCH, T. **O livro de ouro da mitologia (a idade da fábula):** histórias de deuses e heróis. Tradução de Davi Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 2001.

CALADO, S. dos S.; FERREIRA, S. C. dos R. **Análise de Documentos: método de recolha e análise de dados.** 2004. Disponível em: www.educ.fc.ul.pt/docentes/ichagas/mi1/analisedocumentos.pdf. Acesso em: 19 de outubro de 2014.

CAREGNATO, R. C. A; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto Contexto Enfermagem,** 15(4), 679-84. Florianópolis, out-dez, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17. Acesso em: 15 de julho de 2015.

CARLOS, A. F. A**. O poder do corpo no espaço público:** o urbano como privação e o direito à cidade. GEOUSP – Espaço e Tempo São Paulo v. 18 n. 2 p. 472-486, 2014. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/89588. Acesso em 25 de março de 2015.

CASTELLS, M. **A galáxia Internet:** reflexões sobre Internet, negócios e sociedade. Lisboa: Serviço de Educação e Bolsas da Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

CASTRO, E. Leituras da modernidade Educativa: Disciplina, biopolítica, ética. In: GONDRA, J.; KOHAN, W. (Orgs.). **Foucault 80 anos.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

CORDEIRO, A. R. Gênese da Vida Humana. **Revista Ciência Cultura**, v. 60, n° especial 01. São Paulo, julho de 2008. Disponível em: http://cienciacultura.bvs.br/sciello.phd?pid=S009-67252008000500010&script=sci_artttext. Acesso em: 20 de janeiro de 2015.

COUTO, E. S. Corpos modificados: o saudável e o doente na cibercultura. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. **Corpo, gênero e sexualidade:** um debate contemporâneo na educação. Rio de Janeiro: Vozes, 2012. p. 172-186.

DEL PRIORE, M. **Ao sul do corpo:** condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia. Rio de Janeiro: José Olympo,1993.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs.** São Paulo: Editora 34, 2014.

DENSCOMBE, M. **The Good Research Guide for small-scale social research projects. Philadelphia**: Open University Press, 1998.

DERRIDA, J. **Força e Lei:** O fundamento místico da autoridade. Tradução: Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DOMINGUES, D. **Arte e vida no século XXI:** tecnologia, ciência e criatividade. In: DOMINGUES, D. (Org.). São Paulo: Editora UNESP, 2003.

EISENSTEIN, E. **Geração Digital.** In: ESTEFENON, S. G. B. (Org.). São Paulo: Viera e Lent, 2009.

FÁVERO, M. H. **Psicologia do gênero:** psicobiografia, sociocultura e transformações. Curitiba: Editora UFPR, 2010.

FERRARI, A. Revisando o passado e construindo o presente: o movimento gay como espaço educativo. **Revista Brasileira de Educação.** Jan /Fev /Mar /Abr 2004, nº 25 Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a09. Acesso em 25 de março de 2015.

FIGUEIRA, M. L. M. **Representações de corpo feminino adolescente na revista Capricho:** saúde, beleza e moda. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2002.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir.** Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. **História da sexualidade (vol. 1):** A vontade de saber. Tradução: Maria Thereza da Costa de Albuquerque e José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. **História da sexualidade** – a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009.

FREIRE, P. **Política e Educação:** ensaios. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREUD, S. **Três Ensaios sobre a Teoria de sexualidade.** Rio de Janeiro: Editora Imago, 2002.

GARCIA, E. R. B. A concepção de gênero na prática escolar de estudantes de Pedagogia do Programa PARFOR à luz da linguística de corpus. In: GARCIA, E. R. B. (Org.). **Caminhos pelos quais passa a educação.** São Paulo: Todas as Musas, 2014.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n° 2, p. 57-63, 1995.

GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo**.** In: LOURO,G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

HELLER, A. **O cotidiano e a história.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 2011.

HIGHWATER, J. **Mito e Sexualidade.** São Paulo: Saraiva, 1992.

KOZINETS, R. V. "On Netnography: initial reflection on consumers research investigations of cyberculture". In: ALBA, J. and HUTCHINSON, W. (Eds.). **Advances in Consumer Research.** Provo, UT: Association for Consumer Research, 1998. p. 366-371. Disponível em http://www.acrwebsite.org/volumes/display.asp?id=8180. Acesso em: 12 novembro de 2014.

LAQUEUR, T. **Inventando o sexo:** corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

_____. Netnography 2.0. In: BELK, R. W. **Handbook of Qualitative Research Methods in Marketing**. Northampton: Edward Elgar Publishing, 2007.

LE BRETON, D. **Antropologia do corpo e Modernidade**. Petrópolis:Vozes, 2011.

LEMOS, A. **Cibercultura:** tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Editora Sulina, 2012.

LÉVY, P. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34 Ltda, 2010.

LIMA, M. A. M. **Cotidiano Fantástico:** a influência da mitologia na atualidade. São Luiz, 2011. Disponível em: http://www.academia.edu/4987557/Cotidiano_Fant%C3%A1stico_A_Influ%C3%AAncia_da_Mitologia_na_Atualidade. Acesso em: 22 de abril de 2015.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. Produzindo sujeitos masculinos e cristãos. In: VEIGA NETO, A. J. da (Org.). **Crítica pós-estruturalista e Educação.** Porto Alegre: Sulina, 1995.

LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade:** um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003.

MACHADO, A. A. Emoções no esporte: a busca do equilíbrio. In: BARTHOLOMEU, D.; MONTIEL, J. M. **Atualização em avaliação e tratamento das emoções.** São Paulo: Vetor, 2013.

MACHADO, A. A. Psicologia do Esporte, corpo e tecnologia: desenvolvimento da sexualidade e erotismo. In: II Congresso Internacional de Sexualidade e Educação Sexual “Pesquisas, intervenções e direitos”. Araraquara, 2012. Disponível em: http://htpp://www.fclar.unesp.br/#!/pos-graduação/stricto-sensu/educacao-sexual. Acesso em: 31 de agosto de 2014.

MACHADO, A. A.; ZANETTI, M. C.; MOIOLI, A. **Motriz**, Rio Claro, v.17 n.4, p.728-737, out./dez. 2011 Artigo Original O corpo, o desenvolvimento humano e as tecnologias.

MARQUES, L. R. **As Homossexualidades na Psicanálise**, 2010. Disponível em: http://www.uva.br/trivium/edicoes/edicao-ii-ano-ii/artigos/3-as-homosexualidades-na-psicanalise.pdf-2010. Acesso em: 25 de março de 2015.

MATOS, A. A. de; LOPES, M. de F. Corpo e gênero: uma análise da revista TRIP Para Mulher**. Estudos Feminista**, Florianópolis, 16 (1): 288, janeiro-abril/2008.

MAUS, M. **Sociologia e antropologia**. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MOIOLI, A.; MACHADO, A. A. **Modelos de formação esportiva. Moral e agressividade no futebol.** In: Congresso Científico Latino Americano da FIEOP-UNIMEP e Simpósio Científico Cultural em Educação Física e Esportes - Brasil/Cuba, 2002, Piracicaba: FIEOP-UNIMEP, 2002.

MOIOLI, A. **A Relação das Novas Mídias de Comunicação e o Esporte:** rupturas e conflitos para a formação moral a partir da representação social do futebol. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Humano e Novas Tecnologias). Instituto de Biociências. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2013.

MORETTI, V. D.; ASBAHR, F. da S. F.; RIGON, A. J. O humano no homem: os pressupostos teórico-metodológicos da teoria histórico-cultural. **Revista Psicologia Social**, vol. 23, n° 3, Florianópolis, set./dec., 2011. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?pib=S0102-71822011003000005&script=sci_arttex. Acesso em: 25 de janeiro de 2015.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais:** investigações em psicologia social. Tradução: Pedrinho Arcides Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003.

MOTTA, A.; CALLIARI, M. **Código Y:** decifrando a geração que esta mudando o país. São Paulo: Evora, 2012.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Educação Física, Currículo e Cultura**. São Paulo :Phorte editora, 2009.

NUNES, C. A. **Desvendando a sexualidade.** Campinas: Papirus, 2005.

OLIVEIRA, T. L. de. **Teoria Queer e estigma:** a construção de performances homoafetivas em narrativas de histórias de vida. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso:** princípios & procedimentos. Campinas: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

PIMENTA, C. A. **Sonhar, Brincar, Criar, Interpretar.** São Paulo: Editora Ática, 1986.

PROST, A. Fronteiras e espaços do privado. In: PROST, A; VICENT, G. (Orgs). **História da vida privada**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995, v. 5: Da Primeira Guerra a nossos dias. p. 50-75.

ROCHA, P. J.; MONTARDO, S. P. Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura*.* **Revista E-Compós – Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. Dez., 2005. Disponível em: http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewArticle/55. Acesso em: 21 de setembro de 2014.

SÁ, M. A. H. de. **Algumas reflexões sobre a cópula, o onamismo e a prostituição, em especial na cidade do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Typografia Universal de Laemmert, 1845.

SANTAELLA, L. As artes do corpo biocibernético. In: DOMINGUES, D. **Arte e vida no século XXI:** Tecnologia, Ciência e criatividade. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

SANT'ANNA, D. B. As infinitas descobertas do corpo. **Cadernos Pagu**, Campinas, (14), 2000. p. 235-249.

SARTI, C. A. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Revista Estudantil Feminina**, Florianópolis, v. 12, n° 2, p.35-50, 2004.

SCHIEBINGER, L. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru: EDUSC, 2001.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de analise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n° 2, p. 71-99, 1995.

TAPSCOTT, D. **A hora da geração digital:** como os jovens que cresceram usando a Internet estão mudando tudo, das empresas aos governos. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

THEODORO, H. **Mitos, tradições culturais e sexualidade.** (s. d. p.) Disponível em: http://www.sidneyrezende.com/blog/helenatheodoro_culturaafro. Acesso em: 23 de maio de 2015.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso:** a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Record, 2007.

VERNANT, J. P. **O universo, os deuses, os homens.** Tradução: Rosa Freire D‟ Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.